



Klanstra

LETÍCIA BLACK





MONSTRO

Letícia Black

2017 © Direitos Reservados

Dedicatória

Prefácio

A inocência perdida

— Tem certeza que a sua mãe não vai brigar com a gente, Fabrício? — Uma garota de olhos verdes brilhantes e cabelos ruivos presos cuidadosamente em uma trança perguntou, enquanto ela e o grupo com mais oito amigos caminhava pateticamente em direção ao canto mais escuro do grande quintal.

Atrás deles, o crepúsculo encerrava o dia do aniversário do menino que guiava os amigos, Fabrício, com seus pequenos olhos azuis atentos e temerosos, enquanto fingia ser corajoso o suficiente para continuar com o ligeiro desafio. Os cabelos dourados do menino eram constantemente levados pelo vento, assim como seu companheiro, logo atrás dele, que tinha os cabelos num dourado um pouco mais claro. Esse era Luís. E ele, sim, demonstrava o medo que Fabrício fingia não ter.

—Não, ela não liga, Catarina —respondeu, arrancando um galho forte de uma árvore próxima e fincou no chão para ajudá-lo a andar, como um cajado. —Enquanto a gente estiver dentro do quintal...

Um cão uivou ao primeiro sinal da Lua, fazendo Luís e as meninas pularem de susto. Cada um deles agarrou o braço do companheiro mais próximo que aparentava ser forte. A garota loira de olhos cor-de-mel, Raquel, teve que dividir o braço de Pedro, o pequeno de cabelo ruivo-desbotando-para-castanho e olhos azuis sinceros e corajosos com a pequena morena de olhos castanhos, Belinda, porque o garoto que estava do outro lado dela, Luís, estava amedrontado o suficiente para ele mesmo agarrar seu braço. A pequena Catarina, a mais nova do grupo, com ainda sete anos recém-completados, correu para frente e segurou o braço de Fabrício que estava livre do cajado. Ele sorriu mais confiante com aquilo e o seu medo escondido pareceu se amenizar. Por último, a morena de olhos tão escuros quanto a noite que caía, Léa, enlaçou os dedos com os do penúltimo garoto livre, Arthur, moreno e de olhos azuis brilhantes.

O último garoto, Michael, irmão de Raquel, estava ali apenas arrastado pela irmã e olhou desejoso para uma das amigas dela. Ele esperava que a garota arrancasse o braço que segurava e viesse correndo para ele. Era apenas por ela que ele estava ali com a irmã. Se não fosse, estaria brincando com garotos mais velhos, da sua idade de nove anos. Todos os outros tinham oito anos, exceto Luís, que já completara nove, Catarina e Belinda com sete.

O comboio de pequenas perninhas seguiu seu líder aniversariante até onde ele queria. A intenção da viagem era um plano de Arthur, que era o único que sabia o que fariam quando chegassem ao lugar. Ele só queria se divertir às custas dos outros garotos e das meninas.

Mas nem ele, nem Fabrício haviam ido àquela casa à noite.

Estavam chegando à beira do fim do longo e extenso *quintal* de Fabrício. E era bem

próximo dos limites daquele espaço controlado que estava o fim da jornada.

A cabana se mostrou a eles em poucos passos. Ela era toda feita de madeira velha e desgastada. A pintura branca, que um dia poderia ter deixado a casa bonita, já quase não existia mais. A única janela estava presta com tábuas de madeira que a impediam de abrir e a porta parecia prestes a cair.

Um a um, Pedro e Arthur à frente, eles entraram, fazendo a porta ranger, reclamando do esforço não comum. A casa fedia a mofo, poeira e animais mortos. As meninas reclamaram sonoramente e Luís fez coro, choramingando. Fabrício, que conhecia mais a casa e estava um pouco mais seguro, bateu no escuro da noite recém feita e achou uma vela, acendendo com um fósforo encontrado em uma caixinha amarela ao lado.

O efeito foi o contrário do que ele queria. As meninas gritaram vendo as teias de aranha e as sombras dos ratos correndo no chão. Léa foi rápida ao pensar e montou nas costas de Arthur. As outras não se demoraram a imitá-la e Raquel procurou o irmão para isso, deixando que Belinda subisse às costas de Pedro. Luís subiu no sofá.

—Então... Belinda, você trouxe os lençóis que eu te pedi? —Arthur perguntou.

A garota concordou com a cabeça e escorregou a mochilinha pelos ombros, jogando-a para Luís, que não tinha nada para segurar. Arthur arrumou Léa sobre suas costas melhor e andou até o segundo cômodo da casa, um quarto com um colchão mais esburacado que um campo pronto para o semente. Ele pôs a garota no chão por um momento e ela o agarrou pela cintura, tremendo e resmungando baixinho. Ele acariciou o cabelo dela com um sorriso e pegou o lençol azul que Luís lhe oferecia.

Ele forrou o lençol na cama, ajudado por Luís, e logo os nove estavam sentados à cama na ordem Michael, Raquel, Luís, Fabrício, Catarina, Belinda, Pedro, Arthur, Léa e fechava-se o círculo.

—E agora? —Pedro perguntou.

Com um sorriso, no mínimo, maléfico, Arthur pegou sua própria mochila e tirou um tabuleiro com as letras do alfabeto e um compasso. Seu sorriso foi desafiador.

—Ah, não mesmo —Léa reclamou, sendo a primeira a reparar nos apetrechos do rapaz porque era a mais próxima. —Você não está pensando em brincar desse troço ruim nessa casa imunda e de noite, está?

Ele só sorriu, confirmando o seu plano recém descoberto.

—Que tipo de maníaco você é? —Luís perguntou. —Vamos embora, gente!

A porta bateu com um estrondo e, lá fora, a chuva começou a cair.

—Está vendo? —Arthur sorriu —É um sinal, eles querem que nós joguemos.

A porta rangeu novamente, batendo com mais força, quase confirmando o que o menino dissera. Ele sorriu com a coincidência.

—E se eu não quiser? —Belinda fez a pergunta que todos queriam.

O sorriso do garoto desapareceu e ele ficou sério.

—Vão nos matar um a um.

Os outros tremeram, menos Michael que estava parecendo seguro e sem medo, apenas para confrontar seu pequeno rival ao caminho do coração da sua garota.

—Não temos mais escolha —A voz de Pedro sussurrou em meio ao barulho da chuva.

Então, as crianças assustadas com os presságios forçados pelo vento, e não por espíritos como eles achavam, colocaram o tabuleiro no centro da roda torta e se aproximaram. Arthur pegou o compasso, abriu em um pequeno ângulo de sessenta graus e colocou o dedo em cima. Léa se adiantou para colocar seu dedo sobre o dele, mas ela acabou por destruir o ângulo do compasso, fazendo o menino olhar zangado para ela. Ela só se encolheu.

—Desculpe —sussurrou, avermelhada.

Arthur revirou os olhos e tirou um copo descartável da mochila, ele viera preparado, mas era uma pena que sua mãe não o deixasse andar com copos de vidro por aí. Afinal, ele só tinha oito anos...

O copo foi posicionado com o compasso dentro, apenas porque eles não sabiam se copos descartáveis valiam, e os dedos foram colocados em cima do copo, amassando um pouco suas beiradas. As crianças rezaram. Não estavam com muito medo ainda, pareciam mais dormentes quanto ao que poderia acontecer, dormentes pela companhia um do outro.

—O que a gente faz agora? —Luís perguntou, baixinho.

Arthur levantou o dedo indicador da mão livre e levou-o a boca, pedindo silêncio.

—Tem alguém aí? —Ele perguntou. Nada aconteceu nos segundos que se seguiram. Impaciente, ele repetiu a pergunta —Tem alguém aí? —As garotas estremeceram com o frio, mas nada além do vento gelado que vira de lugar nenhum aconteceu —Tem alguém aí?

E na terceira pergunta, o copo se moveu. Todos tremeram ao ver o copo arrastar-se para o “**sim**” descrito no tabuleiro. Michael se assustou e tirou o dedo de cima dos outros, ele era o que estava no topo.

—Quem fez isso? —Ele perguntou, assustado. Ninguém respondeu.

Mas Arthur parecia meio em pânico ao ver o garoto com o dedo fora do copo.

—Põe o dedo de novo, você não pode tirar! —Ele reclamou. —Você tem que pedir pra ele te deixar sair, não pode tirar! —Ele repetiu.

Ainda assustado com a brincadeira dos mais novos, Michael devolveu o dedo a pilha. Todas as nove crianças se encararam, assustadas com a movimentação do copo.

—E agora? —Luís perguntou mais uma vez. Mesmo com medo, ele estava curioso. Fabrício estava calado e Pedro parecia admirado. As meninas estavam muito assustadas.

—Alguém quer perguntar algo? —Arthur questionou.

—Eu —Pedro respondeu —Posso? —Perguntou. Arthur, que parecia estar liderando, consentiu. —Você é homem ou mulher?

O copo estremeceu e se arrastou para o **“H”**. Homem.

—Um homem —Catarina estremeceu.

Eles se encararam, refletindo o mesmo medo da caçula, mas sem querer demonstrar.

—É minha vez? —Belinda perguntou. Todos concordaram. —Você morreu quando? —inquiriu, quase se mostrando segura com o que falava.

O copo deslizou lentamente. 1,8,5,3. **1853**.

—Tem tempo —Pedro suspirou. —Catarina?

A pequena ruivinha levantou o nariz no ar, querendo se mostrar tão corajosa quanto seus amigos.

—Como você morreu? —Perguntou.

O copo demorou a responder. Mas ele foi riscando o tabuleiro e formando a frase medonha. **CORTARAM A MINHA GARGANTA**.

—Coitado... —Léa sussurrou. —Será que ele ainda pode falar?

—Ele está morto, Léa —Michael ralhou com ela, a sua voz cortando o ar.

Eles repreenderam-no.

—Não seja malvado, Mica —Raquel disse, ralhando com o irmão. O silêncio se fez, enquanto eles se encaravam. —Acho que é a vez do Fabrício.

O garoto concordou e aspirou o ar com força.

—Não sei o que perguntar... ahn... —Fabrício parecia meio perdido. —Onde você viveu?

O copo foi rápido. Escreveu **LONDRINA**.

—Ele ao menos era daqui, né? —Luís riu amarelo. —Bom... O que você fazia?

O copo correu com mais rapidez que na pergunta anterior e a resposta foi satisfatória e prática. **CONSTRUÍA RELÓGIOS GRANDES**.

—Que legal! —Pedro exclamou.

Os outros também se animaram com a descoberta e relaxaram como se fosse normal conversar com um espírito de um cara que construía relógios grandes por um copo de plástico com um compasso dentro. Eles sorriam, no momento descontraído e quase se esqueceram de que não havia acabado. E que não acabaria tão cedo.

—Vai, Raquel —Luís encorajou-a.

A garota franziu as sobrancelhas para o copo, e era fácil adivinhar que ela estava apostando que havia algo errado com o tal do espírito só pelas linhas que formavam em

sua testa juvenil.

—O que você quer? —Ela foi categórica. Sem rodeios, direto ao ponto.

E o copo correu. Primeiro em direção a Pedro, ele franziu a sobrancelha ao ver o copo parar em cima do **M**.

—Mexer? Meditar? Melhorar? Mijar? Mudar? —Pedro questionou. Ninguém respondeu.

Então o copo voltou a correr no tabuleiro, dessa vez, em direção à Fabrício. E parou em cima do **A**.

—Será que ele quer malhar? —Raquel perguntou, olhando para o copo parado por cima de Luís.

Luís negou com a cabeça, uma sombra de medo passou pelos seus olhos quando ele descobriu a resposta, mas nada disse. Ficou apenas ouvindo as teorias absurdas dos seus amigos.

—Mascar chiclete? —Fabrício tentou.

—Não, ele quer marchar como ele marchava nos grandes exércitos das guerras — Catarina disse. Os outros olharam admirados para ela. —Que foi?

Não responderam. O copo voltara a se mexer. Léa se encolheu, a resposta medonha brilhando na expressão de seu rosto assim como brilhara na de Luís. Ela o encarou e os dois se apoiaram em silêncio a esperar, ao invés de falar com os outros. Porque o copo corra na direção de Michael e agora descansava tranquilo na letra **T**.

—Ele veio tomar um mate? —Pedro continuava a se perguntar.

Mas ninguém falou nada. Arthur parecia ter ido pelo mesmo caminho de Luís e Léa. Michael tremia e Catarina e Raquel não tinham mais ideias. Belinda estava quieta, temendo por Pedro que não parava de falar coisas absurdas. Fabrício havia se encolhido, também, mas não pela palavra que se formara, mas pela face de desespero que ele encarava à sua frente, Léa.

E o copo voltou a correr. Voltou à Fabrício.

—Ah, é isso. —Pedro sorriu, se sentindo inteligente. —Ele veio explorar as matas. Mas que matas?

—Cala a boca, Pedro —Belinda falou.

E com uma rapidez maior que das outras vezes, apenas pelo prazer de terminar a palavra com a última letra, entre Michael e Léa. O copo parou, quase que alegremente, em cima do **R**.

MATAR.

—Chega! —Michael choramingou. —Posso sair? —Ele perguntou ao espírito.

A frase demorou a se formar, mas ela veio. O copo deslizou várias vezes no tabuleiro, tentando ser claro, deixando pequenos espaços de tempo entre as letras e

grandes nos fins de palavras. Ninguém falou enquanto ele não terminava, parando no **"não"**

OS OUTROS PODEM, VOCÊ NÃO.

Eles se encararam, a face de pânico estampada em Michael refletia em cada um deles. Um a um, eles foram tirando o dedo do copo até que só o de Michael ficasse. Então o copo deslizou.

VOCÊ É MAU COMO EU.

—Não, não sou! —Michael choramingou.

VOCÊ INVEJA COMO EU.

Michael não respondeu. Ele invejava. Então, só chorou.

VOCÊ DEVE MORRER COMO EU.

E foi rápido, nenhum deles conseguiu sequer falar algo antes que acontecesse. O compasso dentro do copo rasgou o plástico fino que o prendia e voou no ar com nada o sustentando. Foi como um foguete e cravou junto a jugular. E dançou até o outro lado do pescoço, deixando o rasgo escorrer a vida do menino para fora.

O grito foi único, vindo de oito vozes diferentes. O garoto cuspiu sangue e escorregou da cama com um último suspiro. O compasso, sujo de sangue, ainda flutuando no ar, caiu em cima de sua barriga.

E os oito saíram correndo pela porta rangente da casa, em meio à chuva, aos choros e aos berros de volta aos braços de suas mães para contar o que havia acontecido.

Ninguém nunca havia acreditado.

Capítulo Um

Um arranjo do destino

Dez anos se passaram sem os laços de amizade que os mantinham juntos se afrouxarem. Na verdade, com o terrível acidente, eles se apertaram mais e qualquer um daquele grupo diria que tinha os sete melhores amigos do mundo inteiro.

O medo os acompanhou. E a loucura beirou cada um deles, mas foram Raquel e Arthur os que mais sofreram. Arthur, aos poucos, se curou da culpa de ter levado a todos para aquele lugar e ter tido a ideia daquela brincadeira idiota. Raquel, por outro lado, sofreu muito mais que os outros por ter sido o seu irmão e porque ele só estivera com eles àquele dia porque tinha que cuidar dela. A garota ainda tinha medo de qualquer coisa e passara por momentos complicados na adolescência, mas eles nunca a haviam abandonado. Ela era fazia acompanhamento com profissionais e Luís começara a cursar a psicologia para poder ajudá-la.

Fato que os oito eram quatro casais. Toda e qualquer pessoa podia enxergar isso — menos eles próprios, era claro. Enrolando desde que aprenderam o que era um namoro de verdade, covardes demais para falar um para o outro, beijando-se quando bebiam e fazendo com que o dia seguinte fosse o mais constrangedor possível... E, no fim, tudo voltava ao inicial.

Mas, naquela viagem, Léa estava determinada a mudar isso com Arthur. Estava suando nervosamente, enquanto via o carro prateado fazer uma curva fechada, dando a ela a visão dos outros três carros atrás deles, aonde seus amigos estavam.

Aquela viagem à casa de campo de Arthur foi uma ideia da mãe de Raquel. A garota estivera tendo mais problemas que o normal com a aproximação do aniversário de dez anos da morte do irmão, então eles acharam que ia ser bom para ela, e para todos eles, estarem juntos naquele momento.

A garota olhou para trás e encarou o carro abarrotado de malas. Por que ela levava tudo aquilo mesmo?

—O que foi? —Arthur perguntou, olhando para ela com um sorriso.

Era agora. Ela tinha que usar esse momento para serpentear a conversa para o rumo que ela queria. Mas, contrariando tudo que as amigas lhe falaram, apenas negou com a cabeça, fazendo o sorriso do garoto aumentar. Ela não entendeu o porquê.

Você tem que deixar ele com ciúmes. A voz de Catarina soou em sua cabeça.

Por que eu deveria ouvir você? Você está tão mal quanto eu! E riu ao se lembrar que a garota havia colocado a língua para fora para provocá-la.

Por via das dúvidas, resolveu tentar.

—Estou pensando se eu vou conhecer alguém legal nessa viagem —murmurou.

Olhou para ele de rabo de olho esperando alguma reação, mas, se ele a teve, escondeu.

—... Alguém legal? —Repetiu em tom de pergunta.

A garota respirou fundo. Agora ela já tinha começado, certo?

—É... Sabe? —Ela se embolou. —Um garoto...

Ela mordeu o lábio inferior, esperando conseguir o que queria. Arthur franziu uma das sobrancelhas e olhou para ela, deixando de encarar a estrada por alguns milésimos de segundo.

—Um garoto? —A voz dele soou uma oitava mais alta.

Ela sorriu internamente, tentando conter a felicidade e não transpassar para o rosto.

—É... Eu ando cansando de ficar sozinha —Deu de ombros para enfatizar o que dizia. Suspirou e encostou a cabeça no vidro da janela do carro.

—Eu achei que você já conhecesse todos os garotos que deveria conhecer... —murmurou, meio exasperado.

Ela riu. Desencostou a cabeça da janela e olhou para ele. Arthur tinha as mãos apertando o volante e a cara amarrada de quem não estava gostando nem um pouco da conversa, mas que tinha que continuá-la para impedir algum erro fatal.

—Quem, por exemplo? —Ela disse.

A resposta veio com mais rapidez que o necessário.

—E...Eu! —Quase gritou.

E não era que a Catarina estava certa?

—Não é exatamente a mesma coisa... —Ela sorriu de lado, sem se conter.

O garoto parecia prestes a soltar fogo pelo nariz.

—Por quê? —Foi o que ele conseguiu dizer.

E o sorriso dela se alargou.

—Bom, primeiro, você não... Hum... Me beija! —Ela soltou sem pensar, realmente, no que estava dizendo.

—Eu poderia te beijar, se você quisesse! —E os dedos dele se apertaram com mais força no volante.

—Então por que não beija? —Ela disse, em reflexo.

E o fervor da vergonha a fez corar e ela arregalou os olhos, voltando a olhar pela janela. Ele apenas deu uma risadinha baixa e freou o carro em frente a uma casa imponente, um pouco afastada da cidade, saindo do carro, batendo a porta com força. A garota balançou a cabeça para sair do transe e pegou sua mochila de coisas essenciais e o seguiu até o hall, olhando para trás e não encontrando nenhum sinal dos carros dos amigos. Deu de ombros, apenas. Arthur havia acelerado demais quando ela o provocara.

Entrou na casa, encarando a escada a sua frente. As pequenas malas que Arthur havia carregado para dentro estavam no pé dela. Deu de ombros, não tendo o garoto a vista e resolveu subir para escolher o melhor quarto para si primeiro, antes que o pessoal chegasse e começasse a guerra.

Ela mal chegou ao segundo degrau.

—**Espera!** —A voz de Arthur surgiu do além e então ele apareceu, vindo da esquerda e parou decidido, os dois degraus abaixo dela.

—O que foi? —Ela perguntou, rabugenta apenas por ter falado mais do que devia minutos antes.

O sorriso dele quase a derrubou no chão. Foi um sorriso que ele nunca havia dado a ela... Era irresistível, charmoso, tentador e conquistador. Ela apenas esperou o que viria a seguir, com o estômago revirando de sensações que não saberia descrever.

—Seu quarto é o segundo a direita —sussurrou, subindo um degrau, o rosto dele ficando da altura do dela. —É em frente ao meu —aproximou o rosto do dela e capturou os seus lábios por milésimos de segundos. —Não quero você saindo à noite para se encontrar com *garotos legais que te beijam*.

Os lábios vieram mais fortes aos dela e ela quase caiu para trás, então resolveu passar os dedos pelo cabelo do rapaz e arranhou sua nuca levemente. Ele sorriu, entre beijos, e aprofundou mais ainda o que já era intenso, apertando a cintura da garota e trazendo-a mais para a perto dele. Ela arfou mais forte e ele encerrou o beijo, mordiscando o lábio inferior. E ficou apenas encarando a face abobalhada dela com um sorriso que era dividido entre se gabar e se admirar.

—Eu acho... —sussurrou, abrindo os olhos devagar e encarando o sorriso duvidoso e idiota dele, e este se refletiu em sua face. Ela dedilhou a mão da nuca até a bochecha dele, fazendo-o se demorar mais no piscar, deliciado. —Eu acho que eu não preciso mais encontrar garotos legais que me beijam —quase soprou, entorpecida com a volta do ar aos pulmões. —Eu já achei um.

O sorriso dele se alargou.

—É —concordou. —Segundo a direita —repetiu.

Ela riu e ele desfez o abraço dela e apontou para a escada. E ela subiu, ouvindo a porta de entrada se abrir e a zoeira dos seus amigos entrando na casa. Estava feliz, havia conseguido sua meta para essas férias.

—Que cara é essa, Arthur? —Fabrício perguntou.

O garoto só riu e deu de ombros, pegando as malas que ele tinha abandonado ao pé da escada e subiu, deixando os outros sem entender.

—Eu hein, que maluco —Catarina soltou. —Alguém viu o Pedro e a Belinda?

Os outros deram de ombros, sem saber o que responder.

—Devem ter se perdido —Fabrício murmurou.

Luís riu abafado, mas negou rapidamente.

—Eles estavam bem atrás da gente, devem estar chegando —disse.

Fabrício abanou o ar.

—Que seja. Vamos subir? —Perguntou.

Catarina, prontamente, foi até suas malas e estava a recolhê-las.

—Nós vamos dar uma passada na cozinha —Luís disse, o braço displicentemente por cima dos ombros de Raquel, mais como proteção que qualquer outra coisa. —Vamos aproveitar e ligar para os dois retardados desaparecidos e saber o que aconteceu.

Fabrício levantou o polegar, indicando que estava tudo bem.

—Okay —respondeu. Pegou as malas que Catarina carregava (enquanto ela tentava resmungar com ele que podia fazer isso sozinha) e empurrou-a para subir as escadas na frente dele, para ampará-la se ela tropeçasse nos próprios pés.

E então, os dois pararam ao topo, admirados com a cena que viam. Era fato que eles já tinham visto cenas parecidas, mas devido às circunstâncias de sobriedade, era quase impossível. Começaram a achar que estavam bêbados e não estavam vendo direito. Não era exatamente todo dia que se via dois de seus amigos se beijando no corredor de casa. E sóbrios, só para reforçar.

—Ei, Arthur! —Fabrício gritou, tampando os olhos de Catarina. —Tem criança aqui, sabia?

O barulho de uma tapa fora ouvido enquanto Catarina tentava se desvencilhar dos braços de Fabrício, que impediam a sua visão. Arthur não fez menção de encerrar o beijo, mas tirou o braço da cintura da garota e esticou em direção ao amigo, levantando apenas o dedo do meio, arrancando risadas quando Fabrício finalmente soltara Catarina e ela vira.

Envergonhada com as risadas, Léa encerrou o beijo e escondeu o rosto no peito de Arthur, que riu, abaixando o braço e a abraçou-a mais apertado, o que ela correspondeu com vigor.

—Porra, cara —Arthur reclamou. —Meio século pra acontecer isso e você ainda me interrompe? —Disse. Léa resmungou e tentou esconder mais ainda o rosto, com vergonha.

—Desculpa, eu só me assustei —Fabrício riu. —Mas, nossa, hein?

Arthur gargalhou com a expressão que Léa soltou. Ela parecia querer cavar um buraco para se esconder, o que não seria tecnicamente possível visto que eles estavam no segundo andar, mas era realmente o que ela queria.

—Viado —Arthur reclamou, mais pela timidez que havia provocado na garota que pelas declarações do amigo. —Desculpa, Catarina, mas quando for a sua vez, vou me vingar.

A pequena garota corou, ficando mais vermelha que os cabelos ruivos em dia de sol, mas, como sempre, preferia se fazer de desentendida quando o assunto era Fabrício.

—Minha vez que quê, Arthur? —Ela perguntou. —Você está louco?

O garoto riu com gosto e o rumo da conversa deu segurança suficiente para Léa parar de se esconder e falar.

—Sua vez de testar sua teoria, é claro —Léa falou.

Catarina arregalou os olhos.

—Deu certo? —Ela perguntou.

Léa confirmou com a cabeça. Arthur e Fabrício encaravam-nas, sem entender nada.

—Do que vocês estão falando? —Arthur perguntou.

Léa negou com a cabeça.

—Depois eu te explico, tá bom? —Sussurrou para ele.

Ele deu um sorriso e lhe deu um selinho rápido, arrancando risadinhas inconvenientes de Catarina e Fabrício que fizeram Léa corar e se esconder de novo. Arthur apenas riu e levantou a cabeça, vendo mais um casal surgir por detrás dos amigos.

—Aí está mais um que já passou do ponto! —Arthur disse.

Léa levantou o rosto para olhar e cutucou Arthur, repreendendo-o.

—Passamos do ponto pra quê? —Luís perguntou.

Ele estava com o braço em volta da cintura de Raquel, mas não era bem uma demonstração de carinho, era mais uma proteção para a garota. Como se ela precisasse constantemente que ele interviesse por ela.

—O Arthur acha que só porque ele e a Léa estão juntos, todo mundo tem que ficar —Fabrício revirou os olhos.

Arthur gargalhou.

—Mas os dois parecem tão mais um casal, olhe pra eles —Arthur apontou, Léa lhe deu um soco. —Ai, que foi, garota? Eles deviam ficar juntos, sério.

—Ah —Raquel disse. Ela olhou para cima, encarando Luís como se a resposta dele valesse mais que a dela própria.

Luís apertou o abraço da garota e sorriu.

—Nós dois não estamos prontos pra isso, certo? —Ele murmurou. A garota, meio decepcionada, concordou com a cabeça. —Bom, nós vamos escolher um quarto.

Fabrício e Catarina se entreolharam e saíram correndo na frente (e se batendo) para pegar o melhor quarto antes dos outros. Luís e Raquel nem se abalaram, continuaram seguindo tranquilamente pelo corredor.

—E você, mocinha? —Arthur riu, beijando a pontinha do nariz da garota. —Tem que parar de ficar envergonhada quando eu beijar você —ela sorriu, as bochechas ganhando cor novamente. —É sério —ele riu do tom de rosa que ela estava.

—Eu só tenho que me acostumar com isso —disse.

Ele deu um lindo sorriso de canto de lábio que a fez suspirar levemente.

—Você vai ter um bom tempo pra se acostumar —Foi o que ele disse antes de grudar os lábios nos dela, urgentes, enquanto suas mãos avançavam perigosamente pelo corpo da garota.

—Eita! Arrumem um quarto! —A voz de Pedro encheu a casa, forte como um trovão, enquanto Belinda, ao seu lado, só fazia rir.

—Arrumem um vocês —Arthur disse. —Todos já têm um quarto, só vocês retardados que não. O que estavam fazendo que demoraram tanto, hein?

A suspeita estava nítida na voz do garoto e isso fez Belinda ficar rosada e Pedro sorrir, safado.

—Nada do que eu gostaria —Ele disse.

Belinda ficou mais vermelha ainda.

—Ahn... Er... —Ela deu dois passos incertos —Vou ver que quarto sobrou para mim.

Ela saiu de fininho e Pedro apenas ajeitou o cabelo antes de segui-la com as malas.

Arthur acompanhou os dois com o olhar, até que eles entrassem em seus respectivos quartos. E quando aconteceu, ele abriu um sorriso imenso.

—Enfim sós —disse.

Léa cerrou os olhos para ele e o empurrou levemente com as mãos.

—Acho melhor a gente ir assistir TV, *senhor-eu-quero-tirar-o-atraso-de-dezoito-anos-com-você*.

Ela o ouviu bufar impacientemente atrás dela e isso a fez rir.

Meia hora depois, estavam todos na sala, assistindo TV. Fabrício estava inquieto e foi ele que quebrou o silêncio sepulcral entre os amigos. Mas o que ele disse foi tão absurdo que todos eles o olharam abismados com a atrocidade.

—Vamos jogar uma rodada de verdade ou consequência? —Ele perguntou.

Pouco faltou para alguém pegar o telefone e ligar para o manicômio.

—Uma rodada, Fabrício? —Catarina perguntou, colocando a mão na testa do garoto para ver se ele estava com febre. —Ele parece bem, gente.

Fabrício empurrou a mão dela rindo.

—Ah, gente, a gente pega um azarado e depois sai, que tal? —Ele disse, e olhou ameaçadoramente pra Arthur e Léa, então o resto dos amigos entendeu.

Arthur revirou os olhos.

—Ta, né? —Belinda disse, se aproximando e sentando no chão.

Os oito formaram uma roda torta e Fabrício roubou o chinelo de Arthur (Depois de uma briga de tapas entre os dois) para girar no meio. Fabrício, então, se posicionou pronto para fazer com que o chinelo pouco girasse e entregasse o casal nas mãos dele.

—Espera —Belinda pediu —A frente pergunta e atrás responde? —Fabrício concordou —Eu giro, você é muito lerdo!

Belinda deu um tapa nas mãos do garoto e, antes que ele pudesse pegar de volta, ela girou. Fabrício tentou disfarçar a cara de desesperado, mas o chinelo quase parou na posição que ele queria.

Na verdade, mais meia volta e seria perfeito. Deu que Léa perguntaria para Catarina.

Arthur riu e sussurrou algo no ouvido de Léa que também riu e concordou. A garota olhou pra Catarina e depois olhou de rabo-de-olho pra Fabrício, fazendo-a ficar assustada.

—Verdade ou consequência? —Léa perguntou, a ameaça entoando na voz.

Catarina respirou fundo. Se pedisse verdade, Léa perguntaria se ela era apaixonada por Fabrício e ela teria que dizer a verdade. Se pedisse consequência, ela mandaria beijá-lo, mas não se comprometeria com nada.

—Consequência —a garota disse, certa de que era a melhor escolha.

Arthur sorriu e sussurrou mais alguma coisa no ouvido de Léa, que o olhou, revoltada.

—Quem o seu chinelo escolheu, eu ou você? —Ela soltou. Os outros amigos fizeram coro de ‘uuuuhhh’. —Então, Catarina... —Catarina fechou os olhos, fazendo a garota rir —Ah, uma bem fácil pra você, tá bom? Que tal você de declarar para o... —Léa olhou em volta como se fosse escolher alguém aleatório. —Fabrício —apontou para o garoto.

Foi fácil ler nos lábios de Catarina a frase *vou matar você*.

Arthur gargalhou e se recostou nas pernas do sofá, recolhendo o chinelo com o pé. Fabrício e Catarina estavam corados.

—Bom... —Catarina começou olhando pra baixo.

—Nã-nã —Léa interrompeu-a. —Melhor olhar pra ele. —Catarina lançou-a um olhar mortal. —Ah, vamos, será fácil. Você tem as palavras dentro de você.

Arthur riu e segurou Léa, tampando sua boca.

—Você não quer morrer, certo? —Ele perguntou para ela.

Raquel deu um pulo, quase que como não estivesse prestando atenção antes e sorriu no abraço de Luís, olhando para a vergonha de Catarina.

Catarina virou o corpo pra Fabrício e levantou os olhos, envergonhada. Fabrício sorriu e pegou as mãos dela, entrelaçando nas dele.

—Tá tudo bem —sussurrou.

Ela concordou com a cabeça.

—Eu não sei quando me apaixonei por você. Eu não sei se foram seus olhos ou se foi o modo que seu cabelo fica quando o vento bate ou suas bochechas quando você sai no frio... Eu só sei que foi uma coisa que aconteceu e que eu não tive como negar —suspirou fundo e fechou os olhos pra não ver o sorriso deliciado dele. —Então a gente foi crescendo e... Eu fui ficando com ciúmes das outras garotas com quem você ficava e... Bom, é isso —corou e sussurrou. —Eu amo você.

O garoto olhava completamente admirado para ela. Eles não viam mais ninguém a volta deles —e realmente não tinha, porque os amigos foram saindo de fininho e se esconderam próximos ao hall, onde podiam ouvir e ver sem serem vistos.

—Se... Eu te fizer uma pergunta, você não mente pra mim? —O garoto perguntou, pausadamente. Catarina concordou com a cabeça, vermelha demais para fazer qualquer outra coisa. —Isso que você disse... É verdade?

A garota olhou para longe dos olhos dele, vendo que a sala estava vazia, as bochechas corando mais do que já estavam.

—É —sussurrou.

O garoto mordeu o lábio, tentando conter a explosão que estava tendo dentro dele.

—Catarina? —Chamou.

—Que é? —A garota estava de mau-humor agora. Ele iria magoá-la e era tudo culpa de Léa. Maldita, ela iria se vingar.

—Você pode olhar pra mim, por favor? —Pedi. Ela suspirou fundo e olhou para ele e, então, o garoto sorriu —A recíproca é verdadeira. —Foi o que ele disse antes de grudar os lábios no dela, assustando-a.

Mas antes que eles pudessem aproveitar, um cheiro horrível invadiu o ambiente.

—Minha forra nunca foi tão rápida —Arthur disse, sacudindo a meia de Pedro entre os dois.

—Eca! —Os dois pularam para longe da meia (e um para longe do outro), enojados, arrancando risadas dos amigos.

Arthur rolou no chão de rir e Fabrício quase foi matá-lo, mas Léa, rindo um pouco menos, arrastou-o para longe deles.

—Então! —Luís pediu atenção, por cima das risadas —Vocês vão à cidade ou não?

—Eu não vou —Arthur disse, passando o braço pelo ombro de Léa. —E a Léa vai ficar comigo, né?

A garota revirou os olhos, mas concordou.

—Bom, a gente tem que ir à farmácia —Luís disse, apontando para si e Raquel —então decidam se vão ou não.

Pedro deu de ombros e empurrou Belinda porta afora, atrás de Luís e Raquel.

Fabício, sem jeito, entrelaçou sua mão na de Catarina e acabaram por seguir os quatro.

Arthur sorriu malicioso pra Léa quando a porta se fechou, deixando-os sozinhos. Ela o ignorou e mudou os canais da TV.

—Larga isso —pediu, tentando beijar o pescoço da garota pra fazê-la se render.

Ela estremeceu e o braço que segurava o controle afrouxou um pouco, mas ela estava tentando resistir.

—Arthur, eu não quero transar com você, ok? —Ela foi direta. Ele parou o que estava fazendo e se afastou, arqueando a sobrancelha.

—E quem falou em sexo? —Ele perguntou, rindo, antes de grudar os lábios nos dela.

Capítulo Dois

—Você disse *nada de sexo* – Léa reclamou.

Ela estava tentando fazê-lo parar de beijá-la há algum tempo, se sentindo desconfortável com o rumo das mãos e dos lábios do garoto, deitado sobre ela no sofá. Ok, a espera tinha sido realmente enlouquecedora, mas ela não ia ceder a ele tão fácil a ponto de deixar que ele passasse do limite. Ela ainda era uma garota respeitável e ele tinha que ter um pouco mais de calma com ela, se quisesse.

—Eu não disse *nada de sexo* – murmurou, o rosto afundado no pescoço dela, enquanto dava mordidinhas que faziam os calafrios subirem pela sua coluna. Inconscientemente, Léa apertou um pouco mais o pedaço de camisa que ela segurava, na altura da cintura do garoto – Eu disse “quem está falando de sexo?” Eu não estava, mas agora tô pensando melhor.

Com isso, ele mordeu sua orelha e movimentou o corpo, insinuando-se sobre ela, fazendo-a gemer baixinho e acabou por acompanhá-la.

—Arthur... – sussurrou. – Eu realmente acho que isso não vai ser legal.

Ele fingiu que não estava escutando-a, deslizando as mãos da cintura dela até os seios. Os lábios dele tentaram capturar os dela, sem sucesso. Só então ele percebeu que tinha algo errado com o que ele estava fazendo, mesmo sem saber o que era.

—Por quê? – Ele perguntou.

Léa o empurrou levemente, saindo de debaixo dele para se sentar no braço do sofá, tentando manter os lábios e os braços do garoto longe dela, enquanto ele não pudesse se controlar. Ela passou os braços ao redor dos joelhos, olhando para ele, um pouco magoada. O garoto estava assustado, sem entender o que havia feito. Ele não quisera fazê-la chorar.

—Você está indo muito rápido – Ela disse. – Eu sei que a gente esperou uma porra de tempo pra isso tudo acontecer, mas você está praticamente me tratando como *uma qualquer*.

O garoto pareceu totalmente admirado com a declaração dela.

—O quê? – Ele soltou, chocado. Para, então, começar a rir.

Ela descruzou as pernas, magoada pelas gargalhadas do... Ela queria dizer *namorado*, mas não tinha certeza. Então chutou-o pela falta de tato.

—Arthur! – Exclamou.

O garoto tentou engolir as gargalhadas com todas as forças que tinha.

—Ok. Desculpe – Disse. Deu mais uma risadinha e ele finalmente parou, se sentando direito no sofá e encarando-a – Eu não estou te tratando com uma qualquer, ok?

Eu só... – Ele suspirou e parou de falar, olhando para o nada.

Impaciente, a garota escorregou de volta para o banco do sofá e colocou as mãos sobre os ombros de Arthur, tentando fazê-lo olhar para ela, para que ela pudesse tentar entender, nem que pelos olhos dele, o que se passava em sua cabeça.

—Você só...? – Ela perguntou.

Ele suspirou novamente e olhou-a.

—Todas as vezes que eu desejei você e você com outros caras e eu pensando no quão estúpido eu era por não ter você ao meu lado. Mas você enchia a cara, a gente se beijava e aí você fingia que nada tinha acontecido, então achei que você não queria. E isso me deixava confuso, mas cada vez que a gente se beijava, mais eu desejava você e então... Bom, aqui estou eu, louco pra fazer tudo o que eu imaginei que podia fazer com você e aí está você, finalmente deixando que eu faça. Eu não ‘tô conseguindo me controlar. É só isso.

Ela riu e colocou a mão na coxa dele, friccionando para consolá-lo. Arthur não achou aquilo nem um pouco consolador; olhou para a mão dela, desejando que ela subisse por sua coxa mais alguns centímetros. Mordeu o lábio inferior, com o pensamento e sacudiu a cabeça, afastando-o. Léa nem ao menos reparou, curvando-se sobre ele e deixando os lábios encostarem-se levemente, antes de se afastar.

—Tudo bem. – Ela disse. – Mas vamos com calma com isso tudo, está bem? – Pediu. – A gente já demorou demais pra se resolver, não vamos... Estragar tudo, atropelando as coisas e fazendo tudo correndo pra chegar onde a gente quer.

Arthur abriu um sorriso do tamanho do mundo, fazendo Léa suspirar. Ele se curvou sobre ela, obrigando-a a deitar-se sobre o braço do sofá e colocou uma mão de cada lado do corpo dela, impedindo-a de fugir.

—Então você também quer? – Ele perguntou.

Ela corou, tanto de vergonha pela conclusão dele quanto de raiva por ele só ter ouvido a última parte do seu tão belo discurso.

—Arthur! – Ela berrou, estapeando-o.

Arthur caiu na gargalhada, puxando-a pela cintura e se sentando no sofá, com a garota em seu colo. Ele beijou-a, tirando seu fôlego, enquanto, a princípio, Léa batia em seu ombro, tentando fazê-lo parar. Após alguns momentos, ela cedeu, vendo que as mãos dele e não avançavam pelo seu corpo, paradas comportadas em sua cintura.

Tentando não acabar com todo o seu ar restante, Léa colocou as mãos nos ombros do garoto, paradas, demonstrando que não ofereceria mais resistência. Arthur, percebendo isso, foi motivado a mudar o beijo pra uma forma mais voraz, apertando a cintura dela com mais força.

Léa encerrou o beijo com um gemido meio tonto, puxando bastante ar, antes de grudar os lábios com os dele mais uma vez. Se ele continuasse conseguindo se controlar assim, quem ia perder o controle seria ela. Ela passou as mãos para a nuca e entranhou

uma delas em seus cabelos, puxando-os levemente. Arthur mordiscou seu lábio e encerrou o beijo, encostando a cabeça no encosto do sofá, tentando normalizar a respiração atordoada, de olhos fechados enquanto ela o encarava, abobalhada.

No segundo seguinte, ela percebeu que o garoto se excitara um pouco, saindo de seu colo ligeiramente sem jeito. Arthur, percebendo a movimentação dela, abriu os olhos, para rir da face corada da garota. Ela lhe deu um soquinho, como se dissesse: “me deixa em paz”.

—Eu podia ficar assim com você pelo resto da minha vida. — Ele confessou.

Antes que a garota conseguisse processar a informação, o rosto de Arthur ganhou um tom rosado pelo que havia dito e ele riu, nervosamente. Ela sorriu, doce, e deixou seus lábios encostarem-se aos dele mais uma vez, só para serem interrompidos.

—Oi, casal! — Luís cumprimentou-os, abrindo a porta. Ele esperou Raquel entrar para fechar a porta atrás dela. — E aí, como estão as coisas?

Arthur deu de ombros, ainda sem jeito pela declaração anterior. Léa, por outro lado, estava emanando felicidade. Arrumou-se e deu um jeito de sentar no sofá, encostada em Arthur, que logo passou o braço pelo ombro dela, protetoramente.

—Bom, digamos que as coisas estão indo. — Ela disse. — E vocês, como foi na cidade?

Luís passou o braço pelos ombros de Raquel, copiando Arthur. Com um sorriso estonteante, ele disse:

—Estamos medicados agora, certo, Raquel?

Raquel concordou com a cabeça, mas ela não parecia estar por ali. Seu olhar estava pra lá de perdido e suas feições não mostravam nem um milésimo da alegria que Luís parecia emitir com o fato dela ter tomado seus remédios certos.

Percebendo isso, Léa lançou um olhar assustado a Arthur, que deu de ombros. Eles todos estavam ali por causa dela, para tirá-la do casulo que ela se enfiara nas últimas semanas por causa do aniversário da morte do irmão. Ela já era, normalmente, uma garota excêntrica, mas com muito esforço, remédios e a presença constante de Luís, ela já havia superado aquela fase de “vocês podem falar comigo, mas eu não estou por aqui”. Tê-la assim, de novo, depois de tantos anos, era assustador.

Não importava o quanto cada um deles se empenhava pra manter Raquel sã e presente. Ela nunca estava cem por cento.

—E onde estão os outros? — Arthur perguntou.

—Vindo. — Raquel surpreendeu a todos, respondendo com um sorriso.

O complemento de Luís demorou um pouco a sair, visto que o garoto estava olhando-a, sorrindo admirado com a mudança repentina dela.

—Pedro e Belinda foram tentar comprar comida pra gente. Bom, era pra Fabrício e Catarina irem com os dois, mas os dois sumiram logo depois. A gente foi lá, depois da

farmácia. Ajudamos a acabar de comprar as coisas e Fabrício e Catarina apareceram, sabe, ofegantes e meio amarrotados – Ele riu – quando estávamos ensacando. Se não fosse hora de jantar, eu acho que os dois nem apareceriam por aqui hoje.

Eles riram, Raquel ainda sorrindo, um pouco sem entender o humor dos outros três. A questão era: Entre as muitas coisas que Fabrício e Catarina tinham em comum, comida e, principalmente, comer, eram algumas as principais. Principalmente se envolviam em alguém preparar para eles ou roubar a comida de alguém.

Os quatro que faltavam só apareceram na casa alguns minutos depois, quando Luís, Raquel, Léa e Arthur, cada casal em um sofá, já resolvera assistir algo na TV.

O tempo havia mudado consideravelmente, como se soubesse o que aconteceria naquela casa àquela noite. Ventos fortes bagunçavam terrivelmente os cabelos de Belinda e Catarina, quando, por fim, conseguiram entrar na casa. Os meninos a acompanhavam, carregando o máximo de compras que conseguiam para não ter que pegar a chuva que estava vindo. Quando a última sacola de compras atravessou o portal, sendo carregada por um arfante Fabrício, começou a chover.

Gotas pesadas, arrastadas pelo vendaval fortíssimo que assolava a região, batiam nos vidros da casa, fazendo um barulho infernal. Alheios ao tempo e protegidos, os oito habitantes da casa resolveram fazer pizzas porque eram mais rápidas e práticas, além de deliciosas.

As meninas rapidamente tomaram o lugar na cozinha, com exceção de Raquel, de quem nunca ninguém exigia nada. Não era exatamente machismo, elas tomarem conta das pizzas ou da preparação do jantar. Elas simplesmente sabiam que se permitissem os rapazes... Bom, eles teriam tudo, até papel toalha colado no teto, menos, efetivamente, um jantar.

—Então, dona Catarina... – Belinda começou. A risada de Léa logo seguiu a insinuação, enquanto Catarina cruzava os braços, encostando-se à geladeira.

Elas haviam acabado de checar as pizzas e, com alguma sorte, tudo estaria pronto em poucos cinco minutos, antes que os meninos resolvessem vir “checar”.

—Que foi? – Catarina perguntou, já na defensiva.

Isso só rendeu mais risadas das outras garotas, fazendo Catarina mostrar língua as duas, sem saber como controlar a situação ao favor dela.

—Não posso falar nada de ninguém, no momento. – Léa disse, dando de ombros e engolindo a risada. – Mas... Você e Fabrício? Achei que ia demorar mais algumas eras. Achei até que os dois lerdos – Apontou pra Belinda, que cruzou os braços – iam primeiro.

Catarina riu, mas pra espanto dela e de Léa, Belinda soltou:

—E quem disse que não fomos? —Então, ela corou consideravelmente. Antes que as duas perguntassem, ela continuou – Foi só um beijo. No carro. Mas foi bom.

Elas se encararam, os sorrisos meio bobos no rosto. Léa deu de ombros e andou até a geladeira, empurrando Catarina para poder retirar os refrigerantes dali. Sem dizer nada,

as três sabiam que haviam feito um pacto: Ninguém zoa ninguém.

A impaciência na sala era terrível. Embora eles fingissem estar assistindo TV, Pedro e, sobretudo, Fabrício, quase não conseguiam esperar.

—Vocês queimaram minha pizza? – Fabrício berrou, pra cozinha.

—Já está saindo! – Catarina respondeu. Em seguida, ouviram um “não faz isso, sua maluca” e risadas.

Os meninos franziram as sobrancelhas e se entreolharam.

—Sempre quis saber como elas se divertem na cozinha sem fazer bagunça – Arthur disse.

Léa, que estava entrando na sala carregando os refrigerantes, riu, abandonando as garrafas na mesa central e se jogou em cima do pseudo-namorado.

—Se você não fizesse tanta bagunça sempre que entra nela, já podia ter descoberto.

Catarina e Belinda vieram logo atrás, cada uma segurando uma pizza. Elas colocaram ao lado das garrafas que Léa levava e, logo, os oito estavam sentados ao chão, com um pedaço gorduroso de pizza nas mãos.

—Ao menos Fabrício prestou pra alguma coisa hoje – Pedro murmurou, com a boca cheia. Belinda deu-lhe um tapa na cabeça dele – Ai! – Ele resmungou. – Tô falando que o diabo fez porra nenhuma hoje além de se agarrar com a Catarina e pegar pizzas.

Catarina corou, ficando da cor dos cabelos. Fabrício apenas deu de ombros e voltou a comer.

—Aceito isso. – Fabrício disse. – Posso conviver só com Catarina e pizzas. – Ele sorriu pra garota, que revirou os olhos, ignorando-o pelo seu pedaço de comida.

—Hm... Acho que Catarina consegue viver só com pizzas, Fabrício – Belinda zoou.

Os outros caíram na gargalhada com a zoeira. Fabrício deu língua pra todos eles e, contrariando uma zangada Catarina, puxou-a e beijou-a.

—AI QUE NOJO – Léa berrou, a única que, provavelmente, pensou que ainda haveria pizza em meio a aquele beijo. – Credo, seus porcos, estou saindo pra checar as outras pizzas.

Ela levantou-se e foi direto pra cozinha, deixando um Arthur abobalhado e risonho pela reação da garota.

Catarina empurrou Fabrício enfiou o restante do pedaço de pizza no rosto de Fabrício, que pouco se importou, pegando e comendo-o. Pedro e Belinda fizeram caretas idênticas de nojo.

—Mais pra mim. – Foi a justificativa de Fabrício.

Um trovão encheu o ar, apagando algumas risadas que ainda ecoavam na sala. Léa deu um gritinho da cozinha, fazendo Arthur levantar e ir até ela. Luís passou o braço ao redor de Raquel, para confortá-la, se ela tivesse uma reação parecida com as das meninas:

Belinda agarrou o braço de Pedro com força, parecendo impedir a circulação de sangue pela região, visto que o braço do garoto ficou bem esbranquiçado onde ela agarrava e, ao redor, avermelhado; Catarina encolheu-se, demonstrando susto, fazendo Fabrício puxá-la para o colo dele (ambos ficaram muito felizes com isso).

Mas Raquel não demonstrara susto. Ela desvencilhou-se do abraço de Luís rapidamente, fazendo-o encará-la, confuso. Ela sorriu, quase como se dissesse pra ele que tudo ia ficar bem.

Não ia.

—Estou bem – Ela disse. – Não tenho medo disso. Vou ao banheiro.

E mecanicamente, como sempre agia quando em crise, ela se levantou e sumiu pelo corredor. Luís deixou suas feições demonstrarem o nervosismo pela aparente independência da garota. Pensou em ir atrás, mas ele não seguia garotas inocentes até o banheiro, mesmo que essa garota fosse Raquel.

Arthur voltou à sala carregando as duas pizzas e uma Léa totalmente resignada o acompanhou. Ela lançou um olhar maléfico à Fabrício e Catarina, a última se encolhendo ao olhar dela, e ocupou seu lugar vago ao lado do que Arthur ocupara.

A chuva ainda caía a toda quando eles terminaram de comer a terceira, estiando em horas, mas voltando mais forte e, logo em seguida, enfraquecendo outra vez. A cada trovada, as garotas se assustavam.

Raquel retornou apenas na metade a última pizza. Luís, por vezes, pensara em ir atrás dela, mas imaginou que, talvez, a mistura de pizza, refrigerante e remédios de tarja preta não tivessem feito muito bem ao organismo da garota, então aguardou impientemente até que ela retornasse. Quando a viu, ele abriu um sorriso maravilhoso, aliviado e ao passo que ela negou os últimos pedaços de pizza, imaginou que estava correto quanto às reações intestinais dela, proibindo-se de perguntar “onde é que você estava?” para não constrangê-la.

Fabrício e Pedro travaram uma luta pelos últimos pedaços, que terminou com Léa se metendo no meio pra dividir ao meio. Nenhum dos dois ficou muito feliz com a situação, mas aceitaram bem e pararam de brigar.

As meninas, Arthur e Luís já se distraíam assistindo à um filme na Tv, enquanto Pedro e Fabrício ainda se divertiam com os restos mortais da pizza. O clima era de sossego, tranquilidade e, mais que tudo, eles se sentiam completos assim. Eles tinham comida, amigos, amores e uma casa num tranquilo fim do mundo, o que mais precisavam? Pra eles, nada.

Raquel bocejou, atraindo a atenção de Luís. Ele olhou no relógio e eram quase onze horas. Ele ainda tinha que tomar banho e medicá-la pra dormir. Suspirou.

—Gente... Nós vamos subindo – Declarou, levantando-se e estendendo a mão para Raquel, que aceitou-a de bom grado.

Arthur espreguiçou-se e cutucou Léa no ombro, apontando pra escada, onde Luís e

Raquel tomavam seu caminho. A garota riu, negando com a cabeça, entendendo a intenção dele rapidamente. Arthur fez bico e ela beijou-o, antes de se levantar.

—Acho que também vamos. – Disse.

Arthur quase gritou um ‘yey’ enquanto a seguia escada acima. Não é preciso mencionar que os dois entraram no mesmo quarto, já aos beijos.

Restaram na sala, dois casais. Os dois rapazes estavam tão tontos de comer que não pensaram em ter alguma reação, no momento. Depois de mais alguns minutos maçantes de filme, onde as garotas estavam mais tensas esperando que eles fizessem alguma coisa que realmente assistindo ao filme, Fabrício virou-se para Catarina e capturou os lábios dela.

—Acho que vou subir também, você vem? – Ele perguntou.

Ela concordou com a cabeça, o coração acelerado. Ele se levantou do chão, oferecendo a mão para ajudá-la e, assim que ela ficou em pé ao seu lado, abraçou-a pela cintura, arrastando-a até a escada. Eles não entraram no mesmo quarto, ao primeiro momento. Bateram as duas portas com força pra que todos ouvissem. Mas, depois disso, Fabrício saiu de fininho e entrou no quarto de Catarina. Ninguém saberia dizer se fora combinado ou não.

Então sobrou Pedro e Belinda. Embora tivessem feito as compras juntos, o clima entre os dois estava esquisito desde o beijo surpresa que Pedro a dera no carro, seguido de um tapa assustado da garota. Ela, sem jeito desde então, ficara se corroendo por dentro, com medo dele nunca mais tomar iniciativa alguma com ela. Movida a isso, ela resolveu tentar algo.

—Escuta, Pedro, sobre o beijo...

Ele nem ao menos deixou ela tentar terminar de formular a frase em sua própria cabeça.

—Você gostou? – Perguntou.

A garota corou.

—Sim, mas Pedro... —Tentou, mas ele, novamente, não lhe deu ouvidos

—Então, se eu tentar de novo, você promete não me bater?

Rindo, ela tampou o rosto, envergonhada, mas confirmou com a cabeça. Ele se aproximou, doce, tirando as mãos do rosto dela para conseguir beijá-la.

No andar superior, dois outros casais se beijavam, mas o terceiro, embora também dividissem o mesmo quarto, se comportavam assustadoramente bem.

Luís estava remexendo em sua mala enquanto Raquel o encarava, quase sem piscar, sentada na cama, balançando os pés, distraída como sempre. Ele estava tranquilo em deixá-la para tomar banho, visto que ela apresentava bom humor.

—Você vai tomar banho? – Raquel perguntou-lhe.

Luís parou de procurar a roupa de dormir em sua mala para olhá-la, com um sorriso

no rosto. Raquel estava soando quase infantil, com uma voz tranqüila, o olhar curioso e as pernas balançando. Se ele não a olhasse tão diferentemente, como a mulher que ele queria ao seu lado, talvez a desse muito menos idade. Mas, por horas, ela aparentava ter parado no tempo, desde a morte do irmão, aparentando ter ainda seus sete ou oito anos de idade. Ele não se importava, adorava tudo nela.

—Sim. – Disse.

—Não é perigoso tomar banho com esses raios? – Perguntou novamente.

Tão sensato que o surpreendeu. Ele arregalou os olhos, levemente e, concordou levemente com a cabeça, finalmente achando a roupa que queria. Andou até ela e deu-lhe um beijo na testa.

—É sim, mas essa casa tem proteção, então não se preocupe, ok? – Ele disse. – Não vou demorar.

Ela concordou com a cabeça e, ansiosa, aguardou.

Encarou a chuva pela janela totalmente fechada do quarto. A maneira correta com que as gotas batiam contra o vidro, fazendo barulhinhos, a acalmava. Ela se jogou contra a cama, balançando a cabeça como se a chuva fosse uma música da qual ela ouvia com uma frequência alta.

Seus olhos mantiveram-se grudados na janela, em extrema concentração. Ela admirava cada gota e escutava cada barulho com um prazer indescritível, ignorando todo o resto.

Sabia que Luís lhe daria algum remédio pra dormir em poucos minutos, ela os odiava. Apenas tomava porque ele insistia que era pro bem dela. Ele dizia que se ela não os tomasse, iriam levá-la pra outro lugar, onde ele não poderia vê-la sempre. Raquel não queria isso.

Ela se irritava. Algo, dentro dela, sabia que tudo estava errado e queria consertar. Mas, quando ela realmente tentava, o máximo que ela conseguia era parecer uma criança hiperativa. Era frustrante, a cada segundo, seu corpo de mulher desejando com toda a força ser amada como tal, mas sua mente prejudicada e doente a fazia parecer com uma menina e, por isso, Luís os classificava como “não prontos para um próximo passo”.

Nunca haviam conversado sobre isso. Luís não gostava de falar com ela nada que fosse a deixar irritada ou frustrada. Até o presente momento, ela achava que os dois tinham uma espécie de relacionamento sem contato físico intenso e, era, efetivamente, o que eles tinham, mas ver os outros tomando um rumo a deixou com inveja. Doía não poder ser inteira para o seu Luís.

A chuva continuava a bater contra a janela, a acalmando. Tudo que ela queria era que algum remédio dentre todos que ela tomava fizesse algum efeito. Qualquer coisa. Ela precisava ser normal.

Mas ela não era.

Se Raquel tivesse um pouco mais de consciência ou fosse menos egoísta, ela já teria

se afastado de Luís para que ele pudesse ter uma vida normal com uma garota que não fosse tão quebrada ou cheia de problemas como ela era. Mas, além de tudo isso, ela ainda era dependente, não dos remédios que tanto odiava, mas daquele garoto por quem seu coração batia mais forte.

Respirou profundamente, distraída. Continuava a balançar a cabeça no ritmo da chuva. *Ping. Ping. Ping.* Só isso pra deixá-la calma. *Ping. Ping.*

KABUM!

O barulho estranho, destoante, a fez levantar, assustada, da cama. Rodeou o quarto, o coração totalmente disparado, com medo do que pudera ter causado tal coisa.

Não, não era um relâmpago. Não tinha nada em comum com os barulhos da chuva, mas, apenas para confirmar, ela correu para a janela, vendo o quintal da casa. Tudo meio enlameado, mas nada caído. Nada que pudesse provocar um **kabum** em seus *pings*.

Assustada, ela olhou para o banheiro. Precisava descobrir o que havia feito aquilo. Precisava de Luís.

Bateu na porta.

—Luís? – Chamou. O chuveiro continuava ligado, então achou que o garoto talvez não a escutasse por causa disso. – Luís, você ouviu isso? – Perguntou, a voz mais firme e alta.

Nada.

Os olhos arregalaram, havia algo de errado com Luís. Ele estava sempre tão preocupado com ela, teria escutado **kabum** e as perguntas sobre ele, com toda certeza.

Então, com o coração em frangalhos, ela finalmente percebeu.

Kabum havia sido Luís.

Sem nem pensar duas vezes, virou a mão na maçaneta, escancarando a porta. E a cena que a viu a seguir parou seus batimentos cardíacos, arregalou seus olhos e abriu suas cordas vocais.

Havia começado o terror.

Capítulo Três

O grito agudo e cheio de temor preencheu a casa instantaneamente, provocando reações atribuladas nos cômodos ocupados.

A chuva batia na casa, corroborando ao clima sinistro e suspeito da casa. No meio do nada, em uma vila tranqüila onde os vizinhos mais próximos podiam estar até à um quilômetro de distância.

O que estava se fazendo parou. O primeiro casal a reagir, talvez porque estavam mais controlados pela conversa que tiveram mais cedo sobre “não atropelar os passos”, dói Arthur e Léa. Os dois pararam, instantaneamente, de se beijar e se entreolharam, à meia luz do abajur da escrivaninha do garoto.

Arthur arqueou a sobrancelha, Léa, em seu colo, levantou-se, curiosa.

—O que foi isso? – Ela perguntou.

Arthur balançou a cabeça, informando que não saberia dizer. Ele alcançou a porta e acenou para ela.

—Vem, vamos ver.

Ele foi o primeiro a alcançar o corredor foi Arthur, seguido de uma Léa meio desesperada. Eles olharam em volta, tentando decidir de onde viera o grito, decididos em checar o andar inferior primeiro.

A reação do casal do andar abaixo, foi muito parecida, ainda que um pouco mais lenta.

Pedro e Belinda, envoltos pelo clima que a conversa sobre beijos havia proporcionados, continuavam simplesmente aproveitando a companhia. No sofá onde Arthur e Léa haviam passado a tarde, Pedro estava deitado sobre Belinda, o beijo realmente intenso, embora as mãos de ambos estivesse devidamente comportada.

O grito os pegou no momento em que Pedro desviou os lábios para o pescoço da garota.

Ele levantou-se, olhando em volta, confuso. Belinda arregalou os olhos, as mãos sobre o peito de Pedro.

—Acho que foi a Raquel – Ela confessou.

Pedro levantou-se do sofá em um pulo, reação de todos os sete amigos quando se tratava de resolver algo para Raquel, e ofereceu a mão a Belinda, que aceitou prontamente.

Pedro subiu dois degraus de cada vez, vendo Arthur já ameaçando descer a escada, parando quando o viu.

—O que aconteceu? Quem gritou? – Pedro perguntou aos dois.

Belinda vinha logo atrás dele, um pouco perdida. Os quatro se encararam sem

entender nada. Léa agarrou o braço de Arthur.

—Foi a Raquel ou a Catarina, talvez a gente devesse checar os quartos. – Disse.

O outro casal levava um susto maior. Os dois eram os mais extremáticos do grupo e, é claro, estavam tentando pular todos os passos que Léa se recusava.

Catarina e Fabrício já estavam apenas de roupas íntimas quando ouviram o grito. Ele já estava se preparando para pegar a camisinha e, em meio ao susto, deixou a mão *sem querer* desabotoar o sutiã de Catarina.

Eles não reagiram, a princípio. Ficaram se encarando, por um momento, tentando processar a informação.

—Tem algo errado – Catarina disse.

—É. – Fabrício concordou.

Mas nenhum dos dois se mexeu até ouvirem a porta de um quarto abrir e se fechar em um estrondo.

Finalmente percebendo que algo estranho estava acontecendo, Fabrício saiu de cima da garota, vestindo a calça com pressa enquanto Catarina vestia a camisa dele, sobre os seios desnudos. Ele abriu a porta a tempo de ver Arthur concordando com a cabeça, antes de se virar para a porta onde ele estava e arregalar os olhos em susto

Fabrício saiu, meio abalado por causa do grito, tentando abotoar o botão da calça.

Os quatro que já estavam no corredor olharam para ele e, esquecendo que estavam nervosos, caíram na gargalhada.

Mesmo com a dignidade perdida, Catarina marchou pra fora do quarto, vestindo apenas a camisa de Fabrício.

—Quem gritou? – Perguntou.

Ao tocar, novamente, no assunto, as risadas se perderam. Todos olharam pro final do corredor, o quarto que Luís dividiria com Raquel. O grito só podia ter vindo dali.

Eles se entreolharam e, por um segundo de extrema tensão, o pior passou pela cabeça de cada um deles, de formas diferentes. Um relâmpago clareou o corredor escuro por alguns segundos e, vislumbrando seu destino, Arthur e Pedro saíram na frente, apressados em saber o que estava acontecendo. Mesmo que só fosse uma barata, ao se tratar de Raquel, era um problema que eles tinham que resolver, ou ajudar a.

Fabrício, ainda meio perdido, foi atrás, com uma orgulhosa Catarina, tentando ignorar as risadinhas que Belinda e Léa, andando pouca atrás dela, davam apenas para irritá-la.

A tensão que enfrentaram quando Pedro pôs a maçaneta na porta não poderia ter sido descrita com nenhuma clareza por nenhum deles depois. O medo do desconhecido, o começo do pesadelo. Embora ainda não soubessem o terror que viriam a enfrentar àquela noite, cada um deles sentia que algo bom não estava para começar.

Pedro parou, a mão na maçaneta, sentindo um vento passando por seus cabelos, mesmo com todas as janelas da casa lacradas. *Fuja*, ele ouviu em sua cabeça. Sacudiu-a e abriu a porta.

Arthur, antes de segui-lo, sentiu uma dor infernal em três de seus dedos na mão esquerda. Olhou para eles e viu, na ponta de cada um deles, uma gota de sangue pingar para o chão. Sacudiu a mão, não viu nenhum sinal de sangue na mão ou no chão. Ignorando aquilo, achando que estava assustado por nada, seguiu Pedro.

Fabrizio, atrás deles, foi logo atrás, apertando a garganta. Algo parecia estar sufocando-o, mas ele não vestia camisas. Talvez fosse só um mal estar. Ofereceu a mão a Catarina, para ver se isso o acalmava. A garota foi, piscando longamente. Sua cabeça havia doído muito, do nada. Seus olhos estavam tendo dificuldades em se manter aberto e encarar a claridade da luz do quarto acesa. Da mesma maneira estranha em que a dor se veio, ela logo foi-se.

Belinda entrou atrás, algo estranho movimentando-se em sua barriga. *Nervoso ou cólica*. Ela pensou, ignorando. Léa, atrás dela, sentiu os pelos de todo seu corpo se levantarem quando uma onda de frio a atingiu. Abraçou os próprios braços e friccionou-os, tentando se aquecer.

Não havia nada de diferente no quarto, nada que pudesse ter causado o grito de terror que ouviram. Nada de estranho, exceto que o quarto estava vazio, com as cortinas abertas, fazendo a chuva e os raios lançarem uma iluminação estranha sobre as sombras dos móveis.

Léa correu até a janela, apenas pra checar.

—Nada – Disse.

Eles se entreolharam e com silêncio, apenas quebrado pela chuva lá fora, foi possível identificar lamúrias.

—Raquel? – Pedro chamou.

Ela não respondeu, mas eles continuaram a ouvir as lamúrias da porta fechada do banheiro. Com cuidado, Pedro entrou no banheiro, seguido por Arthur e Belinda.

—Ai meu Deus! – Belinda soltou, saindo do banheiro ao mesmo tempo que Arthur e Pedro pareceram desaparecer por ele.

As lágrimas vieram aos olhos da garota, que sentou-se ao chão, meio encolhida e assustada. Catarina e Léa se entreolharam, com medo. Nenhuma das duas se atreveu a seguir o caminho para o banheiro, com os outros.

—O que houve? – Perguntou Léa, assustada.

Belinda negou com a cabeça. Fabrizio sumiu pelo banheiro, curioso. Ouviram sua expressão de horror e alguma movimentação lá dentro.

—NÃO! – Raquel berrou.

Belinda fechou os olhos com força, as lágrimas caindo descontroladamente. Tremeu

o corpo com a dor que estava sentindo e encostou a cabeça nos joelhos, se encolhendo, choramingando um pouco mais alto. Seu coração se partira no meio, sem amigo...

—Luís... — Ela murmurou, demonstrando tudo que sentia na voz.

Arregalando os olhos, Léa entrou no banheiro, se deparando com uma cena que fez o coração dela saltar a frente com a força da adrenalina bombeada pelo medo que ela sentia e, em seguida, murchar, estilhaçado.

O chuveiro ainda estava ligado, a água escorria para o ralo, ligeiramente mais avermelhada que o normal. Luís estava tomando banho e, por algum motivo, ele caíra sobre a porta de correr de vidro do Box, estilhaçando-a. A pele, em contato com os cacos de vidro, foi cortada em diversos pontos, alguns mais profundos e outros mais leves, mas nada que o fizesse estar deitado ao chão, sem esboçar alguma reação ou sequer estar respirando.

Ele estava nu, mas a preocupação da garota, em examinar os ferimentos ou vigiar qualquer reação adversa que ele pudesse ter não a permitiu corar por estar vendo o amigo dessa maneira. Nenhum, naquele aposento, parecia sequer notar a falta de vestimenta do rapaz. Todos estavam ocupados em afastar Raquel dele ou checar sua respiração ou tentar estancar o sangue que ainda escorria para fora do corpo dele.

Luís jogado ao chão, nu, com Raquel ainda agarrada a ele enquanto Pedro fazê-la soltá-lo, era examinado incansavelmente por Arthur, sentado do outro lado do corpo do amigo, parecendo estar medindo o pulso dele desesperadamente. Ele levantou o olhar, vendo Léa e negou com a cabeça.

A garota tapou a boca com as mãos e, com lágrimas nos olhos virou-se de costas para a cena chocante, dando de cara com Catarina tendo uma reação parecida com a dela. Saiu do banheiro em passadas largas e sentou-se a cama, com o olhar perdido. Com os gemidos do choro de Belinda, ela se rendeu aos soluços também.

Ainda no banheiro, Arthur continuava a procurar qualquer vestígio de vida em Luís. Por vezes, ele achou ter sentido que o amigo respirava fracamente, mas pôs-se a acreditar que era sua mente desejosa por ele de volta, visto que não conseguia sentir ou ouvir seus batimentos cardíacos. Ele e Pedro, enquanto Fabrício segurava uma ensangüentada Raquel longe de Luís e Catarina tentava acalmá-la, tentaram forçar uma massagem cardíaca, mas não houve reação alguma do rapaz.

—Raquel, Raquel, olha pra mim — Catarina pediu. O olhar perdido e choroso da garota problemática encontrou com os dela e, sob espanto, mostrou-se menos dolorido que seus lamentos ou lágrimas — Vamos só sair daqui enquanto Arthur e Pedro cuidam disso, ok?

Raquel concordou com a cabeça, sendo arrastada para fora do quarto. Se alguém não tivesse visto a cena do banheiro, claramente se assustaria com a visão da garota. Ensangüentada, ela caminhou até a cama com a ajuda de Catarina, sujando o carpete do quarto. Poucos saberiam dizer a quantidade de sangue, nela, pertencia a Luís e a quantidade de sangue que era realmente dela, dos próprios cortes em sua pele, ao se

ajoelhar ao lado de seu amado inconsciente.

Léa acolheu a garota em seus braços, com Catarina friccionando os braços de Raquel, ao seu lado, uma tentativa quase inútil de passar energia para a garota, para que ela superasse isso. Belinda se juntou as três, logo em seguida, ajoelhando ao lado de Léa, tão perdida quanto as outras.

Fabrizio saiu do banheiro, caminhou até o armário, escolhendo uma colcha avermelhada para cobrir Luís. Léa, Catarina e Belinda acompanharam o garoto, sentindo mais lágrimas escorrendo por saberem que nada mais poderia ser feito por Luís.

E Raquel? O que eles fariam com ela? Tão calejada pela morte do irmão, como ela lidaria com a morte de Luís?

No fundo, eles sabiam que a morte de Luís não era somente a perda dele, mas a perda, também, de Raquel, mas nenhum deles pareceu demonstrar qualquer menção de desistir da garota.

—Ele vai acordar, não vai? – Raquel perguntou para as amigas, quebrando o coração delas em mil pedaços – Façam ele acordar! Ele precisa me dar os remédios, ele prometeu que não ia demorar, eu estava aqui esperando...

As meninas se entreolharam, sem saber o que dizer. Então, Léa respirou fundo e resolveu começar a prepará-la pra lidar com aquilo.

—Raquel, não acho que o Luís vá poder voltar... – Ela sussurrou.

Raquel arregalou os olhos e se afastou do abraço dela para olhá-la com seus olhos arregalados e molhados pelas lágrimas, ardendo em ódio.

—Não! – Ela exclamou. – Luís vai voltar, ele nunca ia me deixar sozinha.

Léa engoliu a seco e olhou para as outras duas, sem saber o que falar. Da porta, Pedro acompanhava a conversa e se aproximou, Fabrizio e Arthur, bastante arrasados, saíram do banheiro logo atrás.

Pedro ajoelhou na frente de Raquel e segurou as mãos dela.

—Raquel... – Sussurrou, com lágrimas nos olhos. – Ele se machucou muito quando caiu. Foi pro Céu, agora.

Os meninos conversaram e nenhum deles achava que os cortes teriam provocado aquilo, mas não eram peritos e nem tinham encontrado qualquer outra circunstância que pudesse ter causado a morte de Luís.

—NÃO! – Raquel berrou.

E, com um monte de lágrimas, e um chute, ela correu para fora do quarto, sem que nenhum deles pudesse sequer pensar em segurá-la.

Léa precipitou-se pela cama, tentando correr atrás dela, mas Catarina a segurou. Fabrizio e Arthur também tentaram reagir, mas Catarina pediu que eles esperassem.

—Vocês não acham que talvez ela precise de um tempo pra processar a informação?

– Perguntou, tentando ser forte e não chorar.

Arthur alcançou Léa, abraçando-a. A garota começou a chorar copiosamente, agora que Raquel havia se afastado e ela tinha apoio. Arthur deixou algumas lágrimas escorrerem, no abraço, mas fez de tudo para dar suporte à namorada.

—É da Raquel que estamos falando, Catarina – Pedro ponderou. – A gente não sabe o que ela pode fazer sozinha.

—Eu ainda acho que ela vai precisar de um tempo. – Catarina insistiu.

Léa saiu do abraço de Arthur e, sob o olhar protetor dele, secou as lágrimas, achando que deveria se intrometer na conversa.

—Ela pode precisar de um tempo, sim – Disse. – Mas com alguém olhando. – E, com o coração na mão, continuou – Luís não nos perdoaria se a deixássemos sozinha agora. Vocês sabem como ele nunca deixava ela ficar sozinha...

Com um murmuro de concordância, ela começou a caminhar em direção à porta, para procurar Raquel. Mas, assim que alcançou a maçaneta, todas as luzes da casa se apagaram com um estrondo e um clarão.

As meninas se assustaram, cada um procurando agarrar o braço de seu companheiro.

—Celulares? – Arthur perguntou.

Ouvindo a voz dele, Léa caminhou até ele e agarrou-o com força. Ele riu, sem humor, passando o braço ao redor dela.

Mas ninguém acendeu luz alguma.

—Não consigo achar meu celular – Catarina disse.

Um coro de “nem eu” foi-se ouvido. O que estava acontecendo?

—Precisamos achar a Raquel. – Pedro disse.

Todos concordavam, mas o terror que todos sentiram em suas peles, momentos antes de entrarem ao quarto, voltou-se contra eles. Cada um sentiu seu medo, sua vontade de simplesmente deixar pra lá. Mas a dedicação que tinham com a amiga e a dívida que tinham com Luís não iria permiti-los abandoná-la por causa de uma queda de luz.

—Vamos precisar nos separar – Léa murmurou, dando voz ao pensamento de todos eles.

E, com isso, tateando no escuro, Léa e Arthur desceram as escadas para o desconhecido, deixando Pedro e Belinda procurarem nos quartos e Catarina e Fabrício no quarto de Luís, esperando caso Raquel voltasse.

Capítulo Quatro

Pedro e Belinda foram encarregados de olhar quarto por quarto, no andar superior. Pedro estava muito tranqüilo sobre a escuridão e parecia ter decorado a casa, caminhando em passos decididos, com Belinda grudada em seu braço.

Eles quase não tinham iluminação no corredor. Não haviam janelas fora dos quartos, no andar superior, então a pouca luz que chegava para eles era mais reflexo dos relâmpagos das janelas do térreo.

—Qualquer coisa, gritem – Arthur passou por ele, falando. – Estaremos lá embaixo.

Léa e Arthur olhariam o andar inferior enquanto Fabrício e Catarina ficariam no quarto, esperando caso Raquel voltasse. O casal sumiu logo, descendo as escadas e Pedro procurou as duas bolinhas brilhantes que eram os olhos de Belinda. Sorriu.

—Então... Vamos?

Belinda concordou com a cabeça antes de se lembrar que Pedro não poderia ver. Então, com a voz ainda marcada pelo choro, respondeu:

—Sim.

Pedro, de mãos dadas com a garota, começou a dar tapinhas na parede até encontrar algo que fizesse barulho de oco. Logo encontrou e, tateando, achou a maçaneta e abriu o quarto.

A luz do lado de fora da casa deixava o quanto fantasmagórico, mas não chegava a iluminá-lo totalmente.

—Raquel? – Belinda chamou.

Sem resposta. Mesmo assim, os dois adentraram no quarto, procurando-a, tropeçando nas roupas que os amigos deixaram no chão mais cedo.

—Só espero não achar uma calcinha – Pedro murmurou, fazendo Belinda, do outro lado do quarto, rir.

Belinda abriu o armário, passando a mão por dentro dele. Nada. Pedro abaixou-se, olhando debaixo da cama. Nada também. Belinda foi olhar pela janela, tentou abri-la, sem conseguir.

—Pedro, me ajuda aqui, tá emperrado – Ela chamou.

Pedro estava com a cara enfiada no banheiro, mas abandonou a busca para ajudar a garota. Os dois tentaram forçar a abertura, mas a janela não queria correr para cima de maneira alguma.

—Parece até que foi colada – Pedro riu. – Bom, ela não ia conseguir sair por aí, então não se preocupe.

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente e, agora, o garoto pode ver graças a luz,

mesmo que pouca, que vinha da noite chuvosa.

Pedro se curvou sobre ela, encostando os lábios deles por alguns segundos. Por mais que os dois quisessem voltar à meia hora atrás, quando estavam se beijando no sofá, sabiam que não teriam descanso para poder se curtir por algum tempo, ao menos até encontrar Raquel e resolver o que fazer sobre Luís.

—Vou só olhar o banheiro e já volto, ok? – Ele disse.

Pedro caminhou até o banheiro, bateu, derrubou algumas coisas de Fabrício de propósito, olhou dentro do Box... mas nada de Raquel por ali.

Voltou à garota, entrelaçando os dedos nos dela, fazendo-a levar um susto com a repentinidade.

—Nada? – Ela lhe perguntou.

Pedro negou com a cabeça, abraçando-a.

—Nada. – Murmurou.

Belinda encostou a cabeça em seu peito, fungando. Como esperado por ele, ela logo voltou a chorar. O choque pela fuga de Raquel estava fazendo-os agir mecanicamente, procurando por ela, mas todos estavam extremamente magoados.

Luís. Eles cresceram juntos, estudaram juntos, tomaram o primeiro porre juntos e Pedro se lembrava que ele, Arthur e Luís deram o primeiro beijo na mesma garota, enquanto Fabrício ainda demorara alguns meses pra tomar coragem de seguir o caminho deles – e só depois de muitas dicas.

Era como se uma parte deles tivesse sido arrancada sem explicação ou aviso. Pedro estava apenas segurando as lágrimas para ser forte para as garotas, principalmente para Belinda e Raquel. Ele sabia que assim que ficasse sozinho, iria desabar em uma cachoeira de lembranças dolorosas.

Belinda se afastou, secando as lágrimas e tentando manter as lembranças de Luís longe. Luís, sempre tão protetor... A levava ao baile, de mentira, tentando provocar ciúmes em Pedro por ela. Os dois acabaram tendo que lidar com Raquel e Pedro zangados com eles por quase um mês depois daquilo. Ele a livrara de tantos problemas, ajudou-a quando os pais se separaram e tentaram colocar ela no meio da briga dos dois, chamou-a para morar nos Fletcher's quando ela não agüentava mais.

Iria fazer tanta falta.

—Passou? – Pedro perguntou.

Belinda olhou pra ele, tentando entender como ele era capaz de fazer aquela pergunta. Os dois encararam suas próprias dores refletidas no olhar um do outro e Belinda engoliu a resposta malcriada que havia desenvolvido. Pedro só queria que ela ficasse bem.

—Não. – Respondeu, sincera. – Mas vamos descobrir onde a Raquel se meteu.

/**\

—Mais um degrau – Arthur instruiu.

Mesmo assim, Léa tropeçou em seus próprios pés e caiu sobre os braços já preparados de Arthur.

—Ops. – Ela soltou.

Arthur riu baixinho e beijou a testa dela. Dentre as muitas coisas que ele adorava naquela garota, essa era uma das principais: O fato dela conseguir ser tão previsivelmente desastrada.

—Tudo bem? – Ele perguntou, só pra constar.

Do jeito que ela era, podia ter partido o tornozelo em dois sem nem notar.

—É, acho que estou quase inteira. – Respondeu.

Ele beijou a testa dela novamente, afastando-se pra secar as lágrimas que ela tinha deixado escapar, ainda. Ele queria dizer alguma coisa para confortá-la, mas ele próprio estava precisando de conforto. Tudo que sairia da boca dele, nesse momento, sobre o amigo, seria nostálgico e doloroso.

—Vamos só tentar não pensar nisso agora, certo? – Ele sussurrou.

Sentiu a garota concordar com a cabeça e soltou o abraço, pegando a mão dela e apertando-a com força. Tudo que eles tinham que fazer, nesse momento, era ficar juntos. Eles só precisavam achar Raquel e tudo ficaria ok, na medida do possível.

Começaram a caminhar pela sala, Arthur não achando sensato largar Léa por momento algum, com medo que ela pudesse derrubar alguma coisa e se machucar bem feio. Haviam copos espalhados por ali e o que eles menos precisavam no momento era mais sangue.

—Raquel, cadê você? – Léa chamou, as duas mãos apertadas contra o braço de Arthur, que tentava andar por toda a sala, vasculhando cada centímetro do penumbroso aposento.

—Precisamos conversar com você! – Arthur chamou.

Nenhuma resposta.

Raquel fazia isso, quase sempre. Todas as vezes em que se via em uma situação difícil, que não sabia lidar, ela fugia e se escondia em um local onde se sentisse bem. Lá, ela ficava até alguém encontrá-la.

Luís era mestre nos esconderijos de Raquel. Ele tinha o dom de ser o primeiro a perceber que ela sumira e o motivo. Cerca de dez minutos depois, ele sempre retornava com ela, já bem melhor.

—Ela não vai responder, não quer ser achada. – Léa disse.

Arthur concordou com a cabeça. Em silêncio, ele a arrastou para a sala de jantar. Ninguém havia estado nela ainda, então ele achou que, talvez, na cabeça de Raquel, fosse um bom lugar para se esconder.

Entraram cuidadosamente. Em reflexo, Léa achou um interruptor e tentou ligar para, em seguida, corar.

—Esqueci, por um segundo – Disse, envergonhada.

Arthur achou graça, mas não riu. Ele apertou a mão dela com força e a guiou pela sala. Abaixou-se para olhar embaixo da mesa, mas não encontrou nada. Léa se desequilibrou e quase caiu por cima dele, acabando por cair sentada ao lado.

—Léa! – Ele resmungou.

Ela fez careta pro escuro.

—Andar no escuro é mais difícil, desculpe.

Ele, finalmente riu, abraçando-a. Levantou-se, a ajudando a se levantar também. Deram a volta na mesa de jantar, mas nada encontraram.

—Eu devia ter te deixado com o Fabrício e a Catarina, lá em cima – Arthur disse – Você vai acabar se machucando... Ou me machucando. O que vier primeiro, com certeza.

Aquilo, definitivamente, aliviou o clima. Ela riu, docemente e Arthur desejou poder enxergar um pouco mais daquele sorriso lindo que ela tinha. Levou o rosto ao dela, capturando seus lábios doces. Podia passar o resto da vida com os lábios grudados nos dela. Quem ligava pra comer ou falar? Ele não.

Mas a responsabilidade vinha primeiro, sempre vinha. Então ele logo se afastou, puxando-a para fora da sala de jantar, em busca de Raquel.

—A gente não devia olhar o banheiro daqui debaixo? – Léa perguntou. – Ela esteve nele mais cedo, talvez tenha procurado-o agora, pra se esconder.

No escuro, Arthur abriu um sorriso estonteante.

—Acabei de me lembrar porquê eu trouxe você comigo – Ele disse.

Léa riu baixinho, se sentindo esperta.

—Achei que havia sido pra ficar me agarrando enquanto foge do seu trabalho – ponderou.

Arthur abraçou-a, rindo, e beijou seus lábios, levemente, mais uma vez, apenas pra confirmar a teoria dela.

—Isso também – Confirmou, fazendo a soltar uma risadinha – Mas, bom, vamos testar sua ideia primeiro.

E, com isso, os dois se jogaram no escuro e desconhecido corredor, em direção ao banheiro, em busca da amiga perdida.

*****/******/******/******/******/******/****************\

Catarina, assim que todos saíram do quarto, caiu no choro. Fabrício estava segurando bem, ele não iria chorar na frente de ninguém, mas, saber que o amigo estava morto no cômodo ao lado era irritantemente horroroso.

Ela deitou-se sobre as pernas do rapaz, tremendo e resmungando coisas inteligíveis. Fabrício sabia que ela iria chorar ainda por um bom tempo, mas queria fazê-la parar, de alguma forma. Dar-lhe algo que a distraísse e a fizesse esquecer Luís por alguns momentos. Como Arthur e Pedro estavam fazendo com as outras duas, andando com elas por aí.

Ele só conseguiu pensar em alguma coisa.

Deixou a garota escorregar do seu colo para o colchão e, enquanto ela tentava encará-lo através do negrume do quarto, deitou-se sobre ela e capturou seus lábios em um beijo que pretendia tirar-lhe o fôlego.

A princípio, a garota não correspondeu. Ela meio que ficou parada, sem reagir à investida totalmente sem sentido de Fabrício. Em seguida, seu corpo, não percebendo as implicações anti-éticas, reagiu ao dele, como sempre fazia.

Ela passou os braços pelo entorno do pescoço dele, cravando as unhas na nuca do rapaz, que se sentiu aliviado por ela ter finalmente reagido. Ele deixou as mãos correrem para a cintura dela, acariciando-a docemente.

Sua intenção era apenas distraí-la, nada de tentar retornar de onde haviam parado, embora todo o seu ser berrasse para tê-la.

Ela mesma encerrou o beijo, os olhos fechados com força, olhando para o lado. Fabrício sentia cada mísero pedacinho da dor dela em dobro, porque, além de se sentir um idiota por não conseguir fazê-la parar de sofrer, ele ainda tinha que lidar com os próprios sentimentos e escondê-los para não afetá-la.

—Não, Fabrício – Ela murmurou.

O coração dele doeu, mas ele só tinha que fazer o corpo dela reagir e superar os sentimentos confusos dentro dela. Ele acabaria envolvido pelo encanto, faria bem aos dois.

Então, ao invés de fazer o que a garota queria, como quase sempre acontecia, ele ignorou o pedido dela, afundando o rosto na curva alva e deliciosa de seu pescoço, provando da sua pele, que ele tanto ansiava. Logo, tanto seu corpo quanto o dela, pediriam por mais e nenhum dos dois seria capazes de negar.

Catarina tentou se esquivar. Ela praticamente ouvia a voz de Luís na cabeça “o que vocês dois pretendem fazer com a minha cama? Saiam já daí!” e isso, além de assustá-la, a fazia querer voltar a chorar.

Reuniu toda a força que tinha e empurrou Fabrício, escorregando da cama. Ficou em pé ao lado dela, olhando pra ele. O garoto sentou-se. Revirando os olhos.

—Que foi, mulher? – Perguntou. – Volta aqui.

A garota negou com a cabeça, controlando o choro. A porta para o banheiro ainda estava aberta e, dali, ela conseguia visualizar a pia, fazendo-a lembrar da dor de ter visto o amigo jogado ao chão do banheiro, ensangüentado e sem vida.

Colocou a mão na boca, tentando conter os gemidos que denunciariam que ela

voltara a chorar.

—Catarina... — Fabrício chamou.

Ela não respondeu, então apenas restou a ele escorregar as pernas para fora da cama, sustentando o corpo para levantar-se e tatear até ela. Agarrou-a pela cintura, puxando-a novamente para beijá-la.

Ela correspondeu, por hora. Deixou ele abraçá-la e beijá-la da maneira que queria. As lágrimas dela misturavam-se aos beijos, dando um gosto mais salgado ao que devia estar coberto de desejo ou, até mesmo, desespero.

Ele foi andando, guiando-a enquanto ela ainda o correspondia, até a parede do quarto, ao lado da porta. Ela estava aberta, mas nenhum dos dois conseguia ver algo além do corredor sem luz alguma e nem sequer se preocupavam com isso. Mesmo que Raquel entrasse no quarto, no momento, eles seriam incapazes de perceber.

Ele encostou-a na parede, colocando as mãos uma de cada lado do corpo da garota e fazendo pressão contra o corpo dela, com a intenção de excitá-la o suficiente para distraí-la, mas acabou tendo o efeito contrário.

Ela acordou do torpor em que ele a havia colocado, chegando a sentir ojeriza do que estava fazendo. Não sabia das intenções do garoto, mas achou que o que ele estava tentando era mais do que uma falta de respeito.

—Fabrício. Sério. Dá pra parar? — Perguntou.

Ele ignorou-a. Sabia que, em certa hora, se ele continuasse insistindo, ela iria ceder. Mas ela estava irredutível e não o faria. Por isso, simplesmente o empurrou.

Perdeu o contato físico com ele e não conseguia enxergar através do breu do quarto. Tateou um pouco a frente, tentando segurar seu barco, acalmar o pânico da sensação de solidão. Não encontrou-a.

Ela ouviu um suspiro espantado e então um baque surdo. Seu coração disparou. Talvez ele só estivesse tentando assustá-la, só isso.

—Fabrício? — Ela chamou.

Não houve resposta.

Ela olhou para os lados, ponderando entre correr para a companhia dos amigos ou dar um passo em direção aonde Fabrício havia desaparecido. Fechou os olhos, eles não fazia diferença.

Com um suspiro e o coração na mão, ela aguardou, parada, que algo acontecesse.

*****/******/******/********************************\

O monstro estava se divertindo. Aquela viagem viera tão bem a calhar...

Todos eles, juntos no meio do nada, todos culpados. Ele iria ter, finalmente, sua vingança.

Causaria o terror. O medo era a melhor de suas armas contra aqueles que lhe

machucaram tanto. O medo, depois o sangue. Para aqueles que ele pouco tinha a desejar o mal, ele daria uma morte mais rápida, muito sangue, mas pouco medo.

Mas aquela, aquela garota... Ah, ela sofreria. Seria a última. Ele tinha a intenção de quebrá-la, deixá-la louca.

Talvez nem a matasse. Sua vingança seria bem melhor que a morte dela. Depois que ela visse o que ele era capaz de fazer...

Riu. Estava se divertindo. Fizera a luz cair, deixara a todos eles em pânico. Estava se divertindo tanto quanto nunca se divertida.

Ele os faria sofrer. Demais. Um por um, todos definhariam em suas mãos.

Entrou no quarto onde o corpo de Thomas ainda repousava, adormecido em sono profundo. Ele Ouviu arfadas e gemidos. Tinha alguém ali.

Tudo aconteceu muito rápido. Sua raiva veio. Desrespeito. Não permitiria aquilo, de forma alguma.

—Fabrício. Sério. Dá pra parar? – Ele ouviu a voz da garota, Catarina, falar.

E então, quando se preparava pra atacar e acabar com eles, o garoto caíra em seus braços de bandeija.

Monstro nunca havia matado antes, mas ao divisar o pescoço do garoto, tão fácil, exposto ao quase tombo que levava, não teve muito que pensar.

Fabrício procurou, ainda, enxergar quem ou o quê o amparara. Mas, ao virar o rosto, a única coisa que vira fora o brilhar de uma faca.

Cortou-lhe o pescoço, sem dó, atravessando a jugular, veia vital que acabaria com a vida dele em poucos segundos. Sentiu uma onda de prazer atravessar seu corpo quando o garoto começou a estremecer em seus braços.

Ele arfou, assustado, e essa foi o último som que emitira com vida. Ele estremeceu aos braços do monstro, que se deliciava, sentindo o sangue escorrer pela faca, através de seus braços, pingando para o chão.

Monstro suspirou. Não sabia que era tão delicioso matar. Decidiu que todo o resto seria muito fácil.

Escorregou a lâmina da faca pela bochecha do garoto, admirando o pânico dos olhos quase sem vida dele. Sorriu, arrancando-lhe quase metade da bochecha fora. Ah, como a vingança era deliciosa.

Largou o corpo do rapaz, ainda estremecendo, ao chão. Praticamente jogou-o, desfazendo-se, enojado. Sacudiu os braços, tentando se livrar um pouco do sangue que ali se alojara, mas grande parte dele sujara seu rosto e sua roupa. Não sairia assim tão fácil, talvez com água, mas ele não teria tempo para se lavar.

Ao menos não esta noite.

—Fabrício? – Ele ouviu a garota dizer.

Sorriu em extremo prazer ao ouvir o medo na voz dela. Ela cheirava a medo.

Decidiu se esconder um pouco ao fundo do quarto, admirando as próximas reações da garota, deixando-a sofrer, chorar e ter ainda mais medo quando percebesse que havia um assassino a solta pela casa.

Enquanto isso decidiria quem seria sua próxima vítima.

Capítulo Cinco

Pânico. Medo. Desespero.

Catarina encarava o vazio a sua frente, sem saber o que poderia esperá-la caso desse um passo em qualquer direção.

—Fabrício? – Ela tentou novamente.

Ao fundo, ouviu uma risadinha baixa, mas achou que era fruto da sua imaginação assustada.

Seu coração estava batendo assustadoramente forte e ela achava que qualquer um, em uma distância razoável, poderia ouvi-lo. Sua respiração estava pra lá de alterada e suas mãos, completamente soadas, tremiam.

Ele não respondeu. Fabrício não respondeu.

E, no segundo seguinte, ela pensou que algo estava muito estranho naquela casa e que Luís não havia sido um acidente e Fabrício...

Não. Não o Fabrício.

Ela pensou em chamar alguém, mas todos estariam ocupados, no momento. Raquel estava desaparecida e ela não iria preocupar ninguém com um Fabrício desaparecido, se é mesmo que ele estava.

Então, a ideia de que Fabrício estava apenas brincando com ela, se escondendo porque ela não queria deixá-lo beijá-la, a acometeu. Então, a risadinha que ouvira podia ser dele. Respirou, quase aliviada.

—Fabrício, pára de brincar, você está me assustando. – Ela disse.

E fungou, voltando a ficar com vontade de chorar.

Mas, de novo, nenhuma resposta. Nada. Fabrício já teria desistido da brincadeira. Ou não. Ou ele pularia a qualquer segundo em cima dela, só para assustá-la.

Ela encostou-se na parede e esperou. Mais alguns segundos e ele se cansaria, mas um minuto inteiro se passou e nada.

Sem perceber, ela começou a chorar copiosamente.

—Fabrício, por favor, chega – Ela implorou. – Não faz isso, eu estou com medo.

E nada. Agora ela tinha certeza que algo estava muito errado.

Reuniu todo o resquício de coragem que podia haver nela e deu um passo a frente, as mãos esticadas caso trombasse em Fabrício, já que ela não sabia onde ele estava. Nada encontrou.

Com mais um passo, ela tentou achá-lo e nada. Chorou mais, entrando em pânico supremo. Onde estava Fabrício?

—Fabrício. Sério. Se você está aí, por favor, pare com isso. — Ela pediu. — Eu to com medo, Fabrício. Não me deixa sozinha aqui.

Ela ouviu outra risadinha e ouviu passos leves deixando o quarto. O arrepio em seu corpo indicou que aquele não era Fabrício.

—Quem está aí? — Perguntou.

Nada.

Ela fungou, tentando parar de chorar e deu mais um passo, tentando tatear o escuro. As lágrimas corriam livremente sobre a sua bochecha e de tempos em tempos ela levava uma mão para secá-las.

Um raio iluminou o quarto e, no susto, Catarina deixou-se dar um pulo, escorregando em algo não identificado e caindo ao chão em cima de algo macio.

Ela se assustou, se encolhendo e saindo de cima da coisa macia. Parou, encolhida aos pés da cama, o coração acelerado. Suas mãos apoiaram-se ao chão, na intenção de fazê-la engatinhar de volta ao que amortecera a sua queda, mas seu tato identificou algo que ela não queria.

Ela estava em cima de uma poça de um líquido estranho. Ela pensou que pudesse ser água, mas, no tato, parecia um pouco mais denso que isso e a janela estava fechada. Automaticamente, levou a mão ao rosto e cheirou-a.

Tinha cheiro de ferro.

Gelou.

Mais desesperada que antes, ela tentou engatinhar até o que desejara examinar, escorregando na poça de sangue. As lágrimas já não conseguiam ser contidas e ela não se atrevia a tentar secá-las porque seria por deveras inútil.

Alcançou seu intento. Levou a mão e sentiu a pele de um braço que a envolvia, minutos mais cedo, mais frio do que deveria estar.

Tateou, no escuro, até encontrar seu rosto. Era o nariz dele, os olhos dele, o cabelo dele.

Era Fabrício. Ela tinha certeza que era Fabrício. E suas mãos, tateando-o, encontraram um buraco em sua bochecha e o que havia o matado, no pescoço.

—Não — Ela sussurrou.

No desespero, ela grudou a boca nos lábios mortos dele. Sentiu o gosto de sangue, além do fato dele não ter lhe respondido ter quebrado seu coração ao meio.

Com todo o resto de força que ela ainda tinha, ela berrou a única palavra que passava em sua cabeça no momento e, chorando copiosamente, jogou seu corpo contra o dele, desejando não tê-lo afastado, desejando ter sido ela em seu lugar.

/**\

—Raquel? — Arthur chamou.

Nenhuma resposta. Nem ele ou a garota ao seu lado conseguiam enxergar qualquer coisa dentro do aposento. Arthur entrou, deixando Léa na porta, com medo que ela pudesse se machucar. Ele bateu os cantos do banheiro com cuidado, mas nada da amiga.

—Arthur – Léa chamou-o. Ela conseguiu ver quando o rosto dele virou-se para ela e suspirou – Não tem velas na cozinha?

Arthur quase deu um pulo, totalmente admirado

—Uau – Disse – Essa é a minha garota, cheia de grandes idéias.

Superficialmente, ela riu. Ele sorriu de lado, sem saber como lidar com ela e beijou-lhe a testa, tentando afagá-la. Ele queria fugir pra qualquer outro lugar com aquela garota, deixá-la longe daquilo, que a estava fazendo mal.

Arthur estava com medo do momento em que eles finalmente sentassem, com Raquel recuperada, e ela finalmente conseguisse o tempo e a tranquilidade que precisava pra chorar. Ele queria que aquela sombra no sorriso dela e aquele tom choroso da voz dela fossem liquidados. Ele não queria vê-la triste de forma alguma e precisava que ela – além dele mesmo – chorassem a morte do amigo.

Ele não ia conseguir lidar com aquilo. Ele mal conseguia lidar com ele mesmo. Pensar... Pensar que Luís não estava mais com eles... Magoava. Doía. O choque de ter que verificar a vida nele, de tê-lo encontrado da forma em que encontraram... Tudo era tão estranho, confuso e doído.

Contornando a cintura dela com o braço, guiou-a pelo caminho escuro até a cozinha. Eles contornaram a mesa com cuidado e Arthur logo encontrou a gaveta onde guardavam as velas e os fósforos. Rapidamente, eles conseguiram acender.

Ambos sorriram ao, finalmente, conseguir ver o rosto um do outro.

Léa suspirou, triste, e limpou as lágrimas que o breu havia ajudado-a a esconder. Arthur sorriu levemente para ela e beijou-lhe os lábios.

—Eu sei. – Arthur sussurrou.

Ela fungou terrivelmente e, sem conter as lágrimas, passou os braços pela cintura de Arthur, chorando o que queria já ter chorado. Ele abraçou-a, mais contido, mas também debulhando-se em lágrimas.

—Não entendo – Ela murmurou.

—Nem eu, minha linda – Arthur concordou. A luz de velas, ele visualizou o telefone, ao canto, na parede da cozinha. – Fique aqui, vou ligar pra emergência e falar o que aconteceu, ok?

Ela concordou com a cabeça, sentando-se em uma das cadeiras, esperando Arthur retornar para que eles pudessem voltar a procurar Raquel.

Ela não reparou no que acontecia com ele. Arthur tirou o telefone do gancho, apertou, tentando dar linha, algumas vezes e, frustrado, jogou o fone contra a parede, só então atraindo a atenção de Léa.

—O que houve? – Ela perguntou, assustada, vendo-o respirar afobadamente.

Ele virou pra ela, passando as mãos pelos cabelos, quase entrando em pânico. Queria arrancar o telefone da parede. Ele não podia nem pedir ajuda, pedir pra consertar a luz ou pedir pra consertar o telefone!

—Não funciona! – Ele resmungou. – Estamos sem luz, sem telefones... Parece até aqueles filmes de terror aonde vão matando as pessoas da casa um a um.

Os dois se entreolharam, assustados, nesse momento. Chegaram a pensar que só podia ser bobagem, porque eles estavam assustados, mas como que para confirmar suas suspeitas, um grito encheu a casa, fazendo-os sobressaltarem, com os olhos pra lá de arregalados.

Léa, em um pulo, levantou-se e abraçou Arthur. Uma das velas se apagou, mas eles tinham fósforos suficientes para acender mais meia centena delas, então Arthur não se importou, abraçando Léa com força, tentando acalmá-la e, por que não, se acalmar também.

—Isso não foi a Raquel – Arthur sussurrou.

Léa tremeu e apertou-se contra ele com mais força. Arthur caminhou até a vela, pegando-a, sem soltar a garota.

—O que foi isso, Arthur? – Ela sussurrou, como se o garoto soubesse a resposta – O que está acontecendo? Estou com medo.

Ele friccionou a cintura dela, passando a mão para cima e para baixo, sorrindo confiante, embora confiança fosse a última coisa que ele sentia, no momento.

—Não deve ter sido nada, linda. – Disse. – Mas nós vamos lá ver, ok? Se acalma.

Arthur, com Léa agarrada a sua cintura e mais uma vela, encaminhou-se à escada, assustado com que poderia encontrar no andar superior.

Nenhum deles podia se dar ao luxo de perder mais um amigo. Nenhum deles estava pronto sequer para pensar em aceitar a morte de Luís. Não faziam ideia do que estava acontecendo, mas com toda a certeza do mundo não gostavam nem um pouco disso.

Léa tremia de medo, agarrada a Arthur. Ele tentava acalmá-la, acariciando-a, mas ele mesmo estava tão assustado que não tinha muito sucesso.

Subiram as escadas tão grudados que parecia impossível que conseguissem muita coisa. E, ao chegar no andar superior, eles se assustaram mais ainda, ouvindo mais um grito, desta vez, masculino.

Ninguém tinha pra onde correr.

/****/****/****/****/****/************************\

—Vamos olhar no nosso quarto – Pedro sugeriu.

Não achavam Raquel em nenhum lugar. Pelas vozes que ouviam do andar inferior, Arthur e Léa também não haviam conseguido nada.

Belinda concordou com a cabeça, um mal pressentimento tomando conta de si. Algo estava errado, muito errado, mas ninguém a ouviria se ela falasse. Ela não tinha como provar. A chamariam de medrosa, Fabrício a zoaria até a morte.

Pedro bateu no escuro até a entrada de seu quarto e abriu, entrando com Belinda em seu encalço. Ele segurou a mão da garota, precisando do contato, já que mal conseguia ver seu contorno. As cortinas do quarto estavam fechadas e o breu dele era pior que o do corredor. Não fazia ideia de como começar a procurar Raquel por ali.

Belinda afastou-se, indo em direção aos armários e Pedro foi olhar embaixo da cama. Ela praticamente entrou dentro do armário, ignorando Pedro por alguns segundos, checando cada centímetro do móvel.

—Belinda! – Pedro chamou pela milésima vez.

Ela sobressaltou-se, tentando tatear onde ele estava.

—Cadê você? – Ela perguntou.

Muito envergonhado, Pedro respondeu:

—Embaixo da cama. Não consigo sair, minha blusa está presa.

Belinda riu, indo atrás dele. Ao sentar-se no chão e tentar descobrir onde ele estava preso, ela foi atacada.

Pedro caiu em cima dela, rindo. Abraçou-a pela cintura, beijando seu pescoço enquanto ela, irritada pelo susto, estapeava o braço dele. Ele, é claro, acabou vencendo a resistência da garota, beijando-lhe os lábios por alguns momentos.

—Seu idiota – Ela resmungou, empurrando-o e saindo de debaixo dele.

Pedro estava rindo baixinho, ainda.

—Consegui te assustar?

Ela empurrou-o novamente, voltando a procurar a amiga, enquanto Pedro ria. Ele, assim como Fabrício e Arthur, estava tentando fazer Belinda distrair-se. Bom, não havia muito sucesso.

Pedro voltou a percorrer o quarto, bateando ao escuro. Belinda checou os armários e o pequeno sofá.

—Vou olhar no banheiro – Ela disse a Pedro.

Neste momento, nenhum dos dois percebeu que outra pessoa adentrara o quarto. Nem imaginavam o que havia acontecido no quarto no fim do corredor, nem o que estava prestes a acontecer ali mesmo, com um deles.

—Okay – Pedro fez legal com a mão para o nada porque Belinda, obviamente, não viu.

Ela entrou no banheiro com cuidado, passou a mão por todo canto, entrou no Box, checou embaixo da pia e dentro do bidê. Nada.

Quando estava prestes a sair do quarto, o grito de horror de Catarina a alcançou, fazendo-a arregalar os olhos e acelerar os batimentos cardíacos.

—Pedro? – Ela chamou, em pânico.

O garoto demorou um pouco a responder, tão assustado quanto ela. Nenhum dos dois conseguia processar o que estava acontecendo.

—Estou aqui – Ele disse, finalmente.

Belinda respirou aliviada, mas fora cedo demais.

Ela tentou seguir em direção a voz dele, mas bateu de frente com algo, fazendo dar um passo para trás.

Pensou ser só mais um artefato do banheiro, mas não lembrava-se de ter nada naquele caminho. Deu de ombros e tentou novamente.

Desta vez, ela soube que aquilo era uma pessoa. E aquela pessoa tinha uma faca.

E aquela faca, agora, encontrava-se em sua barriga.

Belinda arregalou os olhos pro breu. Não havia nada, ela não conseguia enxergar nada em sua frente, mas ali estava a faca, perfurando sua barriga. E aquela coisa escorrendo por suas pernas, com toda certeza, era o seu sangue.

Ela arfou, tentou gritar, mas a voz não saía. Sentiu a faca cortar-lhe de seus seios e à virilha, então ouviu a risada da pessoa ao vê-la, finalmente, tombar ao chão.

Sentiu suas entranhas serem remexidas. Sentiu o cheiro forte do sangue. Sentia a vida esvaindo-se de dentro dela.

Belinda, por alguns segundos, visualizou os cabelos de seu assassino, sujos pelo seu sangue, enquanto ele debruçava-se sobre o seu ventre aberto. Não acreditou que aquilo estivesse acontecendo com ela. O que ela havia feito.

Fechou os olhos, cansada. Estaria indo até Luís em poucos segundos. Ela não iria agüentar muito mais.

Abriu os olhos mais uma vez, apenas para ter certeza. Com uma última olhada para seu assassino e sua barriga aberta, ela deixou uma lágrima escorrer. Então a vida deixou seu corpo.

/**\

A porta do quarto estava aberta, praticamente chamando monstro para entrar. Ele sorriu, longamente, decidindo-se se deveria entrar.

—Vou olhar no banheiro – Ouviu uma garota dizer.

Devia ser Belinda, monstro concluiu. Sorriu, a maldade ganhando forma, novamente. Seu corpo pedia que ele matasse mais uma vez. Mais um monte de vezes.

Monstro entrou no quarto sem demora.

—Okay – Ele ouviu o garoto dizer.

Com um nível mínimo de dificuldade, ajudado pela identificação de onde Pedro estava, a resposta dele dada à Belinda, ele conseguiu seguir os passos da garota até o banheiro e aguardou pacientemente por um momento oportuno para pegá-la. Monstro não sabia como atacar, sua primeira e última vítima caíra em suas mãos. Ele apenas esperava que essa tivesse um final parecido.

Ouviu a garota procurando pela amiga, batendo nas coisas da pia, sem saber exatamente como ela conseguia pensar que alguém podia se esconder no armário da pia, tropeçando na lixeira e caindo sentada no bidê, levantando, para, então, escorregar na cortina do Box e cair sentada dentro dele.

Se monstro não fosse tão mal, deixaria a morte da garota parecer um acidente. Ninguém nunca duvidaria. Mas monstro tinha sede de sangue e vontade de matar.

Só havia uma coisa que o deixaria tão feliz quanto matar: Provocar o medo.

E, com isso, monstro sorriu, ouvindo a sinfonia do grito que vinha do outro quarto. O medo e o desespero tão explícito quanto a dor. Ah, Catarina devia ter acabado de descobrir o corpo que ele havia deixado de presente no quarto para ela.

Como era doce a vingança. Como era doce o medo. Como tudo estava dando certo para monstro...

—Pedro? – Monstro ouviu Belinda chamar.

O medo dela soava tão claramente que o fez sorrir ainda mais. Ouvia seu coração palpar. Pobre coração, sabia ele que eram seus últimos segundos em movimento? Ele ficaria desempregado muito em breve.

Rápido e prontamente demais, Pedro respondeu

—Estou aqui.

Ele estava perto demais e o sorriso de Monstro se desfez. Ele queria curtir aquela morte e, para isso, deveria ser breve. Deveria ser cruel, mas breve.

Então, como se alguém estivesse guiando os fatos para que Monstro levasse dor e morte àquele lugar, Belinda, tentando sair no banheiro, bateu-se contra ele.

Monstro voltou a sorriu, vendo-a dar um passo para trás, assustada. Muito maleficamente, ele posicionou a faca na altura da barriga e, ao Belinda dar outro passo às cegas, penetrou-a pelo ventre.

Sustentou-a no ar por alguns segundos, encarando a feição atordoada e chocada da garota no maior extremo prazer.

Deixou a cair, rasgando-lhe a barriga, menos profundo no peito, mas abrindo-lhe na barriga.

Um novo mundo o aguardava ali, mas antes que pudesse começar a investigar, Belinda não agüentou e tombou no chão. Isso não parou Monstro, tampouco. Ajoelhou-se ao lado da garota e, com toda a paciência e o prazer do mundo, picotou seu fígado.

Investiu mais em alguns órgãos sob o olhar atento e quase sem vida de Belinda. Ela desfaleceria em breve, mas monstro não se importava.

Assim que a garota apagou, seu olhar bateu-se com um novo adereço que gostaria muito de usar.

E, ao sair do quarto, sob os berros de Pedro que encontrara Belinda, Monstro usava o intestino delgado de Belinda como se fosse um cachecol.

Capítulo Seis

Arthur não sabia pra onde ir. Léa estava grudada nele, com medo demais para que eles se separassem e pudessem ver, ao mesmo tempo, o porquê dos dois gritos em lugares diferentes da casa.

Decidiu entrar no quarto mais próximo, o que era de Belinda, que Pedro aparentemente estaria ocupando também. Quem iria julgá-los? Ele e Léa estavam ocupando o mesmo quarto, embora fingissem que não.

Entraram no quarto, mas, mesmo a luz de velas, não viram muita coisa. Léa apertou o braço de Arthur com força, escondendo o rosto no pescoço dele.

—De novo não – Ela murmurou.

Ele não entendeu o ataque de pânico dela, a princípio. Mas, ao olhar para a entrada do banheiro da suíte, viu que havia sangue empoçado próximo a porta. Apurando os ouvidos, Arthur ouviu o lamento de Pedro.

Ele agarrou Léa pelos ombros, os olhos dela já molhados pelas lágrimas que ela não sabia nem ao menos a quem direcionar.

—A partir de agora, você não se afasta dos meus olhos nem por um instante. Mas não quero que você veja o que quer que esteja lá dentro – Ele sussurrou. Ela concordou com a cabeça, não queria ver também – Então tranque a porta. Agora.

Meio perdida, ela desvencilhou-se dele e correu até a porta do quarto, trancando-a. Ela olhou pra ele e ele concordou com a cabeça.

Léa não sabia a decisão que Arthur Luísara, naquele momento, mas em sua cabeça, estava pesando. Ao ouvir os dois gritos e encontrar sangue naquele quarto, ele percebeu que algo muito estranho estava acontecendo naquela casa – e isso estava matando seus amigos.

Ele sabia que tinha trancado apenas uma pessoa viva do lado de fora do quarto, e talvez Raquel também. E ele esperava que quem quer que fosse o assassino, estivesse lá fora.

Mas eram eles ou Léa, ele e Pedro. E Arthur gostaria de ficar vivo com Léa, se possível. Obrigado.

Léa não havia se tocado sobre o ponto de vista de Arthur. Ela estava assustada demais. Ajoelhou-se na cama, cortando caminho pra chegar até ele. Os olhos dela não desgrudavam do sangue da porta.

Arthur segurou o queixo dela, obrigando-a a olhá-lo.

—Eu preciso da vela pra ver o que está acontecendo. – Ele sussurrou. Ela se assustou em ficar no escuro, mas entendia a lógica.

Ela fechou os olhos e deixou as lágrimas caírem. Arthur beijou-lhe os lábios.

—Estou com medo – Ela confessou.

—Eu também – Arthur sussurrou. – Mas nós vamos sair dessa. Juntos. Ok? – Ele pareceu tão confiante que ela quase acreditou.

Arthur caminhou até a cabeceira, colocando a vela sobre a mesma por alguns segundos. Puxou o abajur, desconectando-o da Luísada e entregou a Léa, que olhou Arthur como se ele estivesse louco e encarou o objeto com curiosidade.

—E o que você espera que eu faça com isso? – Ela perguntou.

Ele riu do Luís de incredulidade dela.

—Quero que você segure isso e, se alguém tentar te pegar enquanto eu estiver lá dentro, bate com bastante força na cabeça dele. Certo?

Ela arregalou os olhos, olhando pro objeto e vendo se aquilo realmente parecia como uma arma. Concordou com a cabeça, enfim.

Ele virou-se para ir ao banheiro, mas a voz dela o fez parar.

—Luísa cuidado. – Ela sussurrou.

A voz dela estava fraca de medo. Ele quis ficar com ela, mas tinha que dar um jeito de arrastar Pedro dali.

—Só vou ao cômodo ao lado, não se preocupe, está bem?

Ela concordou com a cabeça.

Arthur respirou fundo, voltando ao seu caminho. Desde que vira o sangue, ele entendera que era Belinda que havia morrido e ele não sabia nem como encarar o ocorrido, muito menos como lidar com Pedro.

Ao entrar no banheiro, ele se sentiu ainda mais perdido.

A cena era pavorosa. Por Deus, Arthur agradeceu por ter mantido Léa no quarto ou ela nunca mais pararia de chorar se visse aquilo. Ele mesmo estava incerto se conseguiria dormir pelo resto da vida depois daquilo.

Isso se a vida dele ainda durasse mais que algumas horas.

Sacudiu a cabeça, totalmente aturdido. Tentou ignorar a poça imensa de sangue que se formava ao redor da amiga sem vida e de Pedro, ajoelhado ao lado dela, apertando seu rosto contra o próprio corpo, chorando tão copiosamente que doía em Arthur. Não que precisasse fazer muito esforço para que Arthur sentisse sua dor.

Ele ajoelhou-se ao lado de Pedro, tentando fazê-lo soltar a garota, mas não conseguiu. Pedro se desvencilhava dele, abraçava Paah e voltava a chorar.

Era difícil dizer qual dos dois estava mais sujo de sangue, a garota com a barriga aberta e as tripas para fora ou o garoto que chorava a sua morte.

—Pedro, a gente tem que sair daqui – Arthur tentou fazê-lo soltar a garota mais uma vez, sem sucesso.

Ele agarrou Paah com mais força.

—A Paah... Ela só veio ver se a Piu tava aqui e aí eu vim ver e ela...

Arthur deu tapinhas no braço do amigo, sem jeito.

—Eu sei, eu sei. – Ele sussurrou. Mas a gente precisa sair daqui. Dar um jeito de ir embora dessa casa. – Arthur suspirou, tentando fazer Pedro olhá-lo. Forçou o rosto do garoto a voltar-se a ele. – Tem alguém matando as pessoas aqui, Pedro. Leka está no quarto sozinha. Catarina está no fim do corredor e eu suspeito que Fabrício também esteja morto. A gente precisa se juntar e sair daqui. Agora.

Um resquício de sanidade perpassou nos olhos de Pedro, mas ele apenas deixou-se ser carregado para fora do banheiro após levar os lábios aos de Paah e sussurrar uma despedida.

—Me desculpe, Paah – Ele sussurrou – Não pude defender você.

Arthur se esforçou demais pra não chorar. Quando alcançou o quarto, pela luz da vela identificou Leka segurando o abajur como se fosse uma espada, em pé na cama, de costas para ele, mirando na porta do quarto. Quando ouviu-os, a garota berrou um ‘YHA’ e virou-se para eles, pronta pra atacar.

Ao ver Arthur, suas feições se suavizaram e o abajur quase caiu na cama, largado. Quando ela, finalmente, olhou para Pedro, vendo-o todo sujo de sangue, deu um passo para trás e acabou caindo da cama.

Arthur, auLuísaticamente, largou Pedro e correu até ela.

—Você está bem? – Ele perguntou, ajoelhando-se ao lado dela – Machucou alguma coisa.

Enquanto tentava se sentar e se desembolar do abajur, ela respondeu:

—To ok, só perdi minha dignidade.

Ele riu, ajudando-a a se levantar. Ela havia feito um pequeno corte acima do supercílio, mas nada problemático. Os dois ignoraram e voltaram a atenção para Pedro.

Ele olhava para baixo, aparentemente ainda chorando, as mãos ensangüentadas dentro do bolso da calça, totalmente desolado. Léa se aproximou, ainda sem absorver que Belinda havia morrido, abraçou-o pelos ombros, o que ele prontamente correspondeu, deixando as lágrimas caírem nos ombros dela.

Arthur estava impaciente. Sabia que Pedro estava sofrendo, mas ainda tinha um problema: Catarina estava sozinha. Ele havia decidido proteger a ele e a Léa, mas, se pudesse, gostaria de arrastar Pedro e Catarina para fora dali.

—Gente. – Arthur chamou. – Temos que ir ver a Catarina. Agora.

Léa concordou com a cabeça e foi até Arthur, segurando-lhe a mão. Arthur destrancou a porta e, com a luz da vela, os três seguiram pelos corredores fantasmagoricamente iluminados em direção ao quarto que Luís ocupava.

Desta vez, Arthur não teve a poça de sangue á porta para lhe avisar do horror que havia ali. Ele apenas reparou o que estava acontecendo quando ouviu o grito de pânico de Léa, antes dela abraçá-lo com força e esconder o rosto em seu pescoço, chorando desesperadamente.

Fabrício jazia morto no chão, com a garganta rasgada, provavelmente pela mesma faca que cortara as tripas de Belinda.

A visão do corpo dele envolto em uma poça de sangue era tão estarrecedora que Catarina havia se afastado e estava no canto do quarto, chorando copiosamente. Ao perceber a luz e identificar quem a trazia, ela correu em direção a eles, agarrando Arthur e Léa, chorando mais, se ainda era possível.

Léa soltou Arthur para abraçar a amiga, tentando dar-lhe o consolo que ela mesma precisava. Arthur olhou para Pedro, meio perdido, vendo que ele se juntara as garotas, chorando um pouco mais controlado.

Então era isso. Ele era o único que estava são para tentar tirar todos dali. Ótimo.

—Gente. – Arthur chamou – Precisamos sair daqui.

Um murmuro de concordância encheu o ar. Embora os outros três estivessem por deveras abalados, eles sabiam que precisavam sair se queriam continuar vivos.

—Mas e a Raquel? – Léa perguntou.

Arthur fechou os olhos com força. Era cruel abandonar a amiga, mas ele tinha poucas esperanças que a garota continuasse viva. Os outros, mesmo em duplas, tinham sido atacados. Que chances teria uma menina problemática sozinha, chorando no escuro.

Mesmo assim, ele não quis jogar essa bomba em cima de Léa. A protegeria até o último segundo, até mesmo das palavras cruéis.

—Não vamos conseguir nada procurando por ela, agora. – Ele murmurou – Apenas morrer, aparentemente. Precisamos sair, aí podemos pedir ajuda para encontrá-la.

Os três concordaram e, antes que Arthur pudesse começar a mostrar o caminho, Léa estava ao seu lado, os dedos entrelaçando-se aos dele. Ele sorriu pra ela, que correspondeu.

—Não vou deixar você fugir de mim agora, Sr. Judd – Ela sussurrou.

Ele soltou a mão dela e passou o braço pela sua cintura, beijando-lhe o topo da cabeça.

—Digo o mesmo pra você.

Descendo as escadas, Arthur percebeu que estava fácil demais sair da casa. E teve um mal pressentimento sobre isso.

Um mal pressentimento que se concretizou quando ele tentou abrir a porta da casa, sem sucesso. Trancada e sem nenhuma chance de encontrar a chave naquele estado de escuridão, só com uma vela e sem nenhuma possibilidade de se separarem.

Tentou chutar a porta, soltando Léa por alguns segundos, com a posse da vela. Novamente, nenhum sucesso.

—Pedro, me ajuda aqui – Ele chamou o amigo.

Nenhuma resposta.

—Pedro? – Léa chamou.

À luz da vela, Léa só conseguia ver Arthur, à sua frente e Catarina, ao lado dele, ainda choramingando. Nada de Pedro.

—Ah, não. – Arthur lamentou.

Catarina caiu no choro logo em seguida e Léa ameaçou ir abraçá-la.

—A vela. – Ele murmurou à ela.

A garota já havia esquecido que estava com o objeto inflamável e iria abraçar a amiga. Arthur mal sabia o que isso poderia causar.

Léa não costumava ser assim tão distraída, mas, ele achava, ela estava tão perdida em meio aquela confusão que estava mais distraída e desastrada que o normal. Além de tudo, ele ainda tinha que vigiá-la.

Com um sorriso cuidadoso no rosto, ele retirou a vela da mão dela para que, então, ela pudesse abraçar Catarina.

—Não pensem o pior ainda, meninas. – Ele murmurou – Ele pode ter ido só... Ao banheiro.

As duas concordaram, mas nenhum dos três parecia acreditar realmente nisso. Com um suspiro cansado, Arthur olhou em volta, com a luz da vela, tentando enxergar por onde Pedro poderia ter sumido ou se havia algum desconhecido ao redor. Frustrado, ele voltou a admirar Léa e Catarina.

Catarina estava totalmente arrasada. Léa, não muito melhor, estava desligando-se das próprias dores e temores pra atender a amiga.

Ele aproximou-se delas e, com cuidado por causa da vela, abraçou-as

—Vamos para a sala, meninas. – Sussurrou.

Com isso, ele se pôs no lugar de guiar as garotas pelo corredor sombrio até o aposento. Lá, ele pôde abandonar a vela sobre a mesinha de centro.

As garotas sentaram-se ao sofá, Catarina deitada sobre o colo de Léa, enquanto ela lhe acariciava os cabelos, sussurrando palavras para acalmar a amiga. Ela olhava para Arthur o tempo todo, apenas para checar se ele continuava ali.

Arthur não se sentou. Ele procurou pela sala algo que pudesse armá-lo e decidiu por uma faca simples, restante da farra da pizza e um porta chapeis que estava abandonado por falta de uso no canto da sala.

Ele e Léa não conseguiam relaxar, por nada. Embora Arthur achasse que a tensão na

garota era penas reflexo da dele própria. Os minutos se arrastaram quando Catarina adormeceu, cansada de tanto chorar e Arthur resolveu caminhar até a cozinha atrás de uma nova vela. Léa ficou no meio do caminho com o restante da que eles utilizavam, iluminando tanto Catarina, na sala, quanto Arthur, na cozinha.

Deu certo. Logo, os dois estavam de volta à sala, com três velas acesas e mais algumas velas perdidas, prontas para serem usadas caso as outras falhasse. E, além disso, Arthur havia se armado com facas de carne.

Ele sentou-se ao sofá, mas tranqüilo com a silenciosidade da casa. Léa sentou-se ao seu lado e ele abraçou-a. Ele parecia tranqüilo, mas o pânico explodia em seus olhos.

Logo ele descobriu porquê. Havia alguém pisando com força pelos degraus da escada. Tanta força que eles ouviam dali.

Arthur levantou-se em um pulo, pegando a faca. Léa pulou para trás do sofá, armando-se com o cabideiro.

Os dois aguardaram em silêncio, os corações acelerados, prontos para lutarem por suas vidas.

A figura que se revelou à porta, assustada e ensangüentada, os fez respirar aliviados.

**\

Por que aqueles idiotas tinham que acabar com a felicidade de monstro acendendo uma vela?

Por muito pouco, monstro não fora pego. Escondeu-se nas sombras de um quarto quando a dupla odiada passou, marchando para o quarto onde havia feito sua primeira vítima.

Idiotas. Monstro esperava que ambos perecessem em suas próprias mentes, consumidos pelo medo. Mas monstro ainda precisaria fazer muitas coisas para que isso acontecesse.

Aguardou em silêncio. Talvez ainda tivesse outra oportunidade de agir ao escuro. Ou teria que mudar sua técnica.

Monstro era paciente. Esperou dez anos pela sua vingança. Dez longos anos e agora estava sujo do sangue que tanto desejava.

Isso não estava nem perto de acabar.

Aguardou. E, como presente da espera, o casal passou a frente, a vela iluminando o corredor. Atrás deles, ia uma chorosa Catarina, bem próxima, com o dedo preso ao cinto do rapaz na frente.

Mas relapso e desgarrado, atrás deles, ia um depressivo Pedro.

Monstro sorriu. Seria como tirar doce de criança.

Com um só pulo hábil, jogou-se contra as costas de Pedro, tampando-lhe a boca e arrastando-o, sem muita resistência, para dentro do quarto.

Perdido com a rapidez, o garoto não teve reflexo para gritar antes que ele conseguisse jogá-lo ao chão. Feito isso, monstro agarrou uma garrafinha preparada para suas vinganças que estava presa ao cinto de sua calça: ácido.

Jogou na garganta do garoto, que se revirou, tentando berrar, mas sem conseguir. Sua garganta apenas borbulhou líquidos de cores duvidosas e repulsivas.

Não contente com o sofrimento do garoto, que queimava ainda vivo, ela enfiou sua própria faca no olho direito dele, vendo-o arquear as costas e tentar berrar, sem sucesso. Contente com a dor, retirou a faca para investir novamente.

Qual foi a sua surpresa ao reparar que o olho permanecia grudado à ponta da faca, afastado de seu globo ocular?

Sorriu sadicamente. Contente, jogou o olho no buraco onde um dia esteve a boca de Pedro.

O garoto já cedia à vontade da dor, respirando fracamente, quase sem vida. Monstro ainda podia viver sua vingança mais um pouco antes que ele se apagasse.

Sem pensar duas vezes, abriu a calça do garoto e abaixou-a, junto com a cueca. Em um segundo, cortou-lhe o saco escrotal, seguido, logo, pelo Pênis.

Pedro ainda arqueou o corpo, conseguindo virar-se de lado, sangrando por entre as pernas.

Sorrindo, monstro se ajoelhou ao seu lado. Jogou o que restava no sexo do rapaz na cara dele, vendo-o, finalmente, deixar-se morrer.

Capítulo Sete

A visão, embora horripilante, acalmou os dois que viram a garota adentrar a sala, tremendo e ensangüentada. Ela cambaleou, tonta, até Arthur, mais próximo, e desabou nos braços dele, chorando desesperadamente, fazendo com que o sangue seco em sua face desmanchasse e se misturasse as lágrimas.

Parecia que Raquel chorava sangue.

—Me... Me... Ata... Atacaram – Ela choramingou, entre soluços.

Extremamente aliviado, Arthur abraçou a garota, sem ligar para o quão repulsiva ela parecia no momento. Léa parecia um pouco menos disposta a isso, mas cedeu quando a garota virou-se para ela, abraçando-a também.

Raquel logo sentou-se ao sofá, do lado de Catarina, encolhida e assustada, ganhando um olhar respeitoso de Arthur. Seja lá o que for que atacara a garota, estava matando seus amigos. Pedro, Fabrício, Luís e Belinda pereceram nas mãos desse assassino e lá estava a que ele menos esperava que fosse capaz de sobreviver. Viva, ensangüentada e com alguns pedaços de pano amarrado em lugares onde ela parecia estar ferida.

—O que aconteceu? – Arthur perguntou a ela.

Raquel levantou o rosto, parecendo surpresa pela pergunta. Ela tentou se sentar melhor no sofá, ainda parecendo muito com uma criança assustada. Léa deu alguns passos, sentando-se sobre o braço do sofá.

—Eu... Eu estava escondida. – Raquel gaguejou. – Ouvi gritos. Pessoas gritando. Fiquei com medo.

Eles concordaram com a cabeça, incentivando-a a continuar a sua história. Ela, porém, não parecia estar muito disposta a isso. Arthur, então, sussurrou.

—Fabrício, Belinda e Pedro foram atacados – Ele disse. – Além do... Luís – Disse com muito cuidado – foi muito estranho.

Raquel concordou com a cabeça, as lágrimas sendo visíveis, novamente, em seus olhos inocentes.

—Eu estava no banheiro do seu quarto – Ela sussurrou. – Tive medo de sair. Aí vi a luz. Tentei seguir vocês... Mas ele... Ele me agarrou – Ela choramingou.

Arthur estava curioso para saber como a garota se safara disso, mas ela pôs-se a chorar. Léa caminhou até o lado da garota, abraçando-a. Arthur esperou que ela se acalmasse, só para então perguntar.

—Como você se livrou dele? – Perguntou.

Raquel levantou o olhar. Arthur se assustou. Ela estava com raiva dele? Por causa das perguntas?

—Prendi a mão dele na porta e corri pra luz – Ela disse.

Arthur não achou aquilo nem um pouco heróico, como ele imaginava que seria. Frustrou-se um pouco, deixando a garota de lado. Abandonou a faca que segurava em cima da mesa de centro, passando a mão nos cabelos, imaginando como faria para tirar aquelas três garotas daquele inferno.

Queria poder nunca ter entrado naquela casa.

Léa encarou Arthur, deixando-se aproximar dele de novo. Automaticamente, o garoto rodeou sua cintura com os braços, puxando-a para si. Deixou-se baixar a guarda, afundando o rosto no pescoço dela e respirando profundamente seu perfume, misturado com o inconfundível aroma de sangue que empesteara a casa e a roupa de todos os sobreviventes.

Léa afundou o rosto no peito de Arthur, escondendo, nele, as lágrimas que ela queria deixar rolar. Arthur apertou-a com mais força, acalentando-a.

—Vamos sair dessa. — Ele sussurrou. — Eu e você. Custe o que custar.

Léa entendeu as forças das palavras de Arthur e olhou para as garotas, os olhos marejados de pesar.

—Não posso prometer tudo — Arthur sussurrou no ouvido dela — Não sei o que está acontecendo. Não sei o que pode acontecer. Você é a minha prioridade. Se eu conseguir, todos saímos daqui. Mas não posso falar que isso vai acontecer.

Ela concordou com a cabeça, entendendo. Os olhos dela estavam por deveras vazios, cheios de dor. Ele beijou a ponta do nariz dela, carinhoso.

—O que a gente vai fazer, Arthur? — Ela perguntou.

Arthur queria ter algo concreto para falar para garota, mas ele não sabia. Estivera pensando sobre como sair dali com vida, mas não fazia ideia de como.

—Pensei em tentar as janelas, mas forcei a janela da cozinha e parece lacrada. Os vidros são grossos demais pra quebrar, mesmo que a gente consiga sem chamar muita atenção, as janelas são apertadas demais pra gente sair sem se machucar muito feio.

Léa respirou fundo e concordou com a cabeça.

—Mas eu prefiro me machucar muito feio a morrer.

Arthur sorriu de lado.

—Eu também. — Sussurrou. — Nós temos um sótão aqui. Talvez seja mais fácil tentar as telhas. Tem umas ferramentas interessantes lá em cima, podíamos tentar quebrar tudo.

Ela concordou com a cabeça, olhando pras meninas.

—Temos que sair daqui agora. — Ela disse.

Raquel, prontamente, levantou-se, armando-se com o cabideiro que antes estava em posse de Léa. Cutucou Catarina como a ponta do objeto, fazendo a garota se assustar, acordando, e levantar-se, quase escorregando do sofá.

—Onde vamos? — Raquel perguntou.

Arthur pegou a faca de cima da mesa, onde havia deixado-a para abraçar Raquel e esticou uma vela para Léa.

—Tome cuidado com isso – Disse a ela – Vamos tentar sair daqui. De algum jeito. – Respondeu. – Catarina, tente pegar a outra vela.

Prontamente, entendendo a urgência, Catarina pegou a segunda vela. Arthur apagou a terceira.

—Vamos ao sótão. — Ele instruiu. —Acho que vamos conseguir sair, destelhando o telhado. Quero que você deixe essa vela no corredor, Catarina. Vamos tentar enganar quem quer que seja que esteja aqui.

Arthur era esperto, mas ele não podia imaginar que não conseguiria enganar o assassino. Não, ele não chegaria nem perto de enganar.

Monstro estava sorrindo ao ouvir isso.

—Certo — Catarina respondeu.

Os quatro saíram em direção as escadas, Catarina deixando sua vela acesa no hall. Subiram, tentando manter o silêncio. Léa estava grudada em Arthur e o plano dele era jogá-la para trás, caso alguém aparecesse para agredi-los, então a posição, além de agradável, era útil pra ele.

Em frente ao quarto onde jaziam os corpos sem vida de Luís e Fabrício, havia um alçapão que, sem esforço, Arthur alcançou, puxando-o. Deixou Léa subir as escadas, à frente, seguindo logo atrás dela.

Alcançaram o sótão rapidamente, sem perceber que não estavam sendo seguidos.

Em lugar algum, atrás deles, estavam Catarina ou Raquel.

Léa olhou para Arthur, já fazendo bico para chorar. Ele correu até ela, abraçando-a, tentando acalmá-la.

—Calma, a Raquel está armada. Se acalme – Ele sussurrou – Vai ver elas só se atrasaram. Vamos deixar o alçapão aberto pra que elas possam subir depois, ok?

Léa concordou com a cabeça, ainda embicada.

Arthur caminhou por entre o sótão, Léa logo atrás dele, iluminando. Ele começou a remexer nas ferramentas, tentando encontrar algo que pudesse usar.

Os dois não perceberam que alguém subia as escadas tranquilamente, silenciosamente, maleficamente.

//** **//** **//** **//** **//** **//** **//** **//** **//** **//** **//

Monstro estava admirado com a facilidade. Do final da fila, conseguiu agarrar Catarina, tampar-lhe a boca e esperar que os outros, sumissem escada acima, sem reparar que algo sumira.

A garota se debatia, mas monstro estava preparado pra isso. Com força, correu, arrastando a garota, em direção ao quarto onde Fabrício, seu amado, e Luís pereceram.

Jogou a garota ao chão.

—Vo...cê – Ela gaguejou.

Sua identidade era obviamente conhecida pela garota. Monstro não se importou. Sorriu, trancando a porta do quarto.

Enquanto Monstro desforrava o lençol da cama, arrancando-lhe um pedaço para calar a garota, sua vítima se arrastava pelo chão, se afastando. Ela sabia que não podia fugir.

—Como você teve coragem? – Perguntou. —Matar o Luís. E os outros.

Monstro estava irritado. Não queria conversar, mas...

—Tendo. – Respondeu, cortante.

Avançou contra a garota, mas ela correu para o outro lado do quarto, parecendo bastante disposta a evitar o inevitável. Ou ao menos atrasar.

—Nós sempre estivemos com você – Ela murmurou. – Ajudamos você.

Monstro sorriu sadicamente.

—Eu nunca perdoei vocês, nenhum de vocês, pelo Michael. – Disse. – Eu o amava. Vocês tiraram ele de mim.

Ninguém podia negar aquilo. Por mais que tentasse, todos os garotos penavam em culpa pela morte de Michael. Uma brincadeira de crianças inconseqüentes que estava acabando em um assassinato em série. Uma vingança infernal.

—Eu amava a todos que você matou hoje – A vítima murmurou, parecendo bastante coerente para quem estava prestes a morrer – E eu não perdôo você.

Monstro sorriu. Ela estava desafiando-o? Ele gostava disso. Avançou contra ela mais uma vez, mas a garota desviou-se, subindo na cama.

—Então isso nos deixa em um impasse. – Monstro murmurou. – Somos eu ou você. Quem tem mais capacidade para matar? Uma garota chorosa e sonolenta ou eu, a quem já matou quatro pessoas nessa noite? – Perguntou, pomposo. – Acho que teremos mais uma morte por mim, neste quarto. Acho que gosto daqui.

Com a ameaça explícita, monstro pulou sobre a cama, prendendo a garota, enfiando o pano na boca dela e segurando seus braços. A vítima se debateu contra sua assassina, as duas rolaram, caindo ao chão.

Por sorte, a vítima caiu por baixo, ficando ligeiramente tonta. Aproveitando-se desse segundo de fraqueza, Monstro levantou-se, agarrando-a pelos cabelos e bateu a cabeça da garota com força contra a parede.

O crânio se partiu imediatamente com a brutalidade do golpe, para delírio de Monstro. Mesmo assim, continuou investindo contra a parede, até que toda a face de sua

vítima estivesse desfigurada e completamente mole.

Divertiu-se, tateando no escuro os miolos do cérebro que pularam para fora da caixa craniana da outra garota. Sorriu, realizada.

Sentou-se na cama, sentindo o poder. Queria poder enxergar melhor o quarto, ver três de suas mortes daquele ponto, mas seu olhar havia ficado desacostumado ao escuro, depois do breve contato com a luz.

Respirou profundamente, o cheiro de sangue estava persistente no local – e Monstro sabia que dificilmente sairia. Talvez o quarto ficasse para sempre com aquele ar meio macabro que ela acabava de dar ao local.

Agora tinha a parte final de seu plano.

Seu odiado casal continuava vivo. Em pânico total. Estavam tentando fugir pelo telhado, já que Monstro trancara a porte e tivera o cuidado de lacrar todas as janelas com cola instantânea.

Sentido-se poderosa com todas as vidas que já ceifara, ela achava que era invencível. E armada apenas com seu amigo cabideiro, destrancou o quarto, dando de cara com os degraus para o sótão fracamente iluminados pela vela que estava sendo mantida lá em cima.

Sem pensar duas vezes, com o sorriso iluminado por finalmente estar chegando o momento pelo quão ansiava, ela jogou-se aos degraus, subindo silenciosamente.

Finalmente ela poderia se vingar de Léa, a única razão de Michael ter ido à brincadeira naquela noite. E de Arthur, de quem o garoto invejava com todas as forças por ter conquistado a menina que queria.

E Arthur, que finalmente, estava junto da garota. No lugar que deveria ser de Michael. Ela estava certa que Michael conquistaria Léa se estivesse vivo. Talvez já tivessem filhos. Os lindos sobrinhos que Raquel nunca iria ter.

Era tudo culpa de Arthur e Léa.

—Raquel! – Léa exclamou.

Arthur levantou a cabeça para olhá-la e apenas saudou-a com a cabeça, voltando a mexer nas ferramentas. Ele não entendeu como a garota poderia ter sobrevivido outra vez, mas talvez a garota fosse apenas esperta ou entendesse melhor a situação do que ele imaginava.

Nenhum dos dois sequer imaginava o terror que ela podia e viria a fazer.

—O que aconteceu? – Léa perguntou, colocando a vela ao chão, ao lado de Arthur, para caminhar até ela.

A garota deu dois passos antes de identificar o olhar mortal que Raquel lançava a ela.

—O... O que?

Raquel sorriu sadicamente, percebendo o medo que causara.

—Você quer saber o que aconteceu? – Disse Monstro. – Eu matei a Catarina. E os outros.

E com isso, ela bateu com o cabideiro na cabeça de Léa, não forte o suficiente para matá-la, mas apenas para desacordá-la.

Léa tombou, mas Arthur segurou-a, antes que a vela pudesse queimar a pele da garota. Ele encarou-a mortalmente.

Raquel soube que esse sim seria seu desafio.

Os outros garotos foram fáceis para ela. Luís, ela sabia, tomaria banho logo quando subisse. Por mais que tivesse criado afeto pelo garoto, o único presente que ela poderia lhe dar, em sua vingança, era o de ser o primeiro a morrer e não se assustar.

Preferiu uma morte branca. Colocou veneno pelo chuveiro e esperou que ele ingerisse um pouco durante o banho. O veneno iria parar todos os músculos, primeiro os de locomoção, o que fez o garoto cair. Rapidamente, a frequência cardíaca e pulmonar diminuiria até a extinção. Ele teve uma morte rápida, como se estivesse caindo no sono. Raquel não sentiu nenhum prazer nisso, mas tirou a dívida que tinha com ele. Ele não havia sofrido.

Fabrizio caíra de presente para ela. Ela não se esforçou, apenas lhe cortou a jugular. Fácil demais.

Pedro, por outro lado, foi pescado de um corredor. Ele estava ligeiramente dopado da morte de Belinda e não oferecera resistência. Ele *queria* morrer.

Mas Arthur já havia checado o pulso de Léa. Ela estava viva. Ele não iria ceder.

Levantou-se, em um pulo, armado com sua faca inútil. Ela abandonara a dela. Não precisava disso pra matar. Ele ainda era um amador, ela já podia utilizar apenas suas mãos e continuava tão mortal quanto.

Ele investiu, com a faca, mas Raquel prendeu o golpe com o cabideiro. Ela puxou o objeto de volta a ela e qual foi sua surpresa – e de Arthur também – quando a faca manteve-se presa à madeira?

Com um sorriso pra lá de vitorioso. Ela bateu com força no braço direito do rapaz, quebrando o osso. Ele caiu, urrando de dor.

Agora seria fácil prendê-lo.

Sua diversão, finalmente, começaria.

Capítulo Oito

Léa sentia sua cabeça explodir. Algo estranho estava em sua testa, ela tinha certeza. O que estava acontecendo? Ela estava tentando escapar com Arthur e, então, Raquel...

Oh, não.

Finalmente, tomada pela consciência do que acontecia, ela entendeu o que havia com seus braços. Estavam, de alguma forma, presos, pendurados. Ela não conseguia sentir o chão, sob os pés.

Estremeceu, tentando se soltar.

—Olhe quem acordou – Ela ouviu Raquel dizer.

No segundo seguinte, antes que pudesse abrir os olhos, sentiu toda a sua pele queimando em contato com água fervente. Ela berrou, tentou se soltar, sem conseguir. Quando achou que sua pele não podia arder mais, água gelada foi jogada em cima dela. Tremeu, por alguns segundos, deixou-se desmaiar.

Quando acordou, novamente, abriu os olhos, ardendo em ódio. Não entendia mais como loucura, o que estava sendo feito. Era maldade. Maldade pura.

Estava tão horrivelmente dolorida das queimaduras que mal podia enxergar direito, mas o sorriso sádico de Raquel era bem visível.

Do outro lado do sótão, também amarrado às vigas do telhado, estava Arthur. Léa olhou para ele e ele tentou-lhe sorrir, mas não conseguiu. Sua face demonstrava dor. Dor. E lágrimas corriam livremente pelo rosto dele.

O que havia de errado com Arthur? Ele não iria chorar assim, não iria demonstrar suas fraquezas na frente do *inimigo*.

A um olhar mais atento, ela arregalou os olhos. Arthur estava ferido na bochecha, um corte leve com a faca. Além disso, seu ombro parecia estar em carne viva e, embora seus braços estivessem amarrado a viga, o direito estava claramente quebrado. Mas o mais chocante era que dois dos dedos da mão esquerda de Arthur estavam ao chão. O pano branco que o prendia estava completamente manchado de sangue.

Léa prendeu a respiração, olhando Arthur em tal estado deplorável. Aparentemente, enquanto ela estivera desacordada, Raquel havia acabado com toda e qualquer resistência que Arthur poderia ter.

Ela estava apavorada.

—Se divertindo? – Raquel perguntou. – Gostou das alterações que eu fiz no seu namoradinho fracote?

Léa arregalou os olhos para Raquel, sem saber o que fazer. Seu corpo não estava lhe respondendo corretamente, queimado e tremia sem parar, não reagindo aos pedidos para que sua mão se soltasse do lençol que a prendia.

—Vo... cê é um mons...tro – Ela sussurrou, sua fala quebrada pelo corpo que tremia.

Raquel jogou a cabeça para trás em uma gargalhada assustadora. A gargalhada que acometeu a garota foi tão forte que ela chegou a errar o passo e quase caiu.

—Eu sei que eu sou um monstro! – A garota disse, o humor brincando em seus lábios e em seu tom de voz. – Eu sempre soube.

Léa tremia sem parar. Seu olhar cruzou com o de Arthur e ele parecia arrasado.

—Desculpe – Ele sussurrou.

Isso pareceu divertir Raquel mais ainda.

—Você se desculpa? – Ela perguntou-lhe. – Ela que devia desculpas a você! Ela é a culpada de tudo isso!

Arthur olhou de uma garota pra outra e não soube de qual ele deveria ter mais medo. Por mais que Raquel já lhe tivesse arrancado os dedos e matado seus amigos... Léa parecia tão ameaçadora quanto, olhando para ela. Arthur entendia. Se fosse Léa sendo torturada... Ele não iria medir esforços para que aquilo acabasse.

Mas ele continuava temendo por ela. Ela era tão... Léa. Não teria como vencer a maligna Raquel, com sede de vingança.

—Eu sou culpada, Raquel? – Léa soltou, a voz arrastando em ódio. – Eu? Se você não se lembra... Quem está suja com o sangue dos seus amigos é você, não eu.

—E quem tem o sangue do meu irmão nas próprias mãos é você – Raquel disse, a feição divertida morrendo pra extremo ódio.

Léa pareceu perder um pouco de sua compenetração para a surpresa. De todas as respostas para aquilo tudo, essa era a que ela menos esperava.

—Você está confusa. Você se lembra bem o que aconteceu. Não fui eu, nenhum de nós. Você sabe. Não pode culpar ninguém, ninguém ia imaginar...

O sorriso sádico de Raquel retornou ao ver o quanto a outra garota havia se perdido em palavras, achando que ela estava confusa. Estava errada. Só eles não conseguiam ver.

—Ele só tinha ido brincar por sua causa. Pra ficar perto de você. Ele gostava de você – Ela soou tão infantilmente inocente que nem parecia que assassinara cinco de seus amigos naquela noite.

Léa sacudiu a cabeça. Seu corpo ainda não a respondia muito bem e ela mal conseguia movimentar sua boca, então sua fala estava saindo ameaçadora e estranha, enquanto ela, na verdade, queria soar calma e tentar convencer Raquel de que tudo era só um mal-entendido. Além de tudo isso, seus braços, sustentando todo o seu corpo, estavam doendo consideravelmente.

—Eu tinha nove anos. Você acha que eu ia ver que um garoto gostava de mim e me importar com isso? – Léa perguntou – Sem contar, se você não se lembra, ele estava lá pra

cuidar de você, não por minha causa.

Isso afetou Raquel.

—MENTIRA! – Ela berrou. – A culpa é sua, sempre foi! E agora eu vou tirar de você o que você mais quer, nesse momento. Mas vai ser lento. Vou despedaçar o seu Arthur – Ela disse o nome do garoto com um prazer obsessivo de vingança que fez o garoto se arrepiar e se encolher, sentindo a faca cortar-lhe levemente no peito, por cima da camisa – Cada pedacinho, bem devagar. E Você vai assisti-lo sofrer. Implorar pela morte. E eu não vou matá-lo até que você esteja louca. – E gargalhou – Tão louca quanto disseram que eu estava!

Léa arregalou os olhos para a garota que ainda ria. Sacudiu-se, presa ao lençol, que cedeu, deixando que ela encostasse os pés no chão. Raquel não percebeu, enquanto Arthur mordida o lábio, a respiração acelerada de medo pela dor que ele sabia que viria logo a seguir, acompanhou o caminho da faca, cortando de leve sua pele do peito, passando pelo braço que não estava quebrado até a mão, onde dois de seus dedos já haviam sido retirados dali.

Léa via Arthur tremer. Ela não conseguia lidar com isso. Ele tinha os olhos fechados com força e, a um movimento mais bruto de Raquel, ele berrou. Léa travou por alguns segundos, encarando Raquel sacudir o dedo do meio de Arthur, sorrindo, antes de jogá-lo no outro canto do sótão.

Ele chorava de dor.

Léa encarou a cena como se fosse câmera lenta, tentando absorver a informação do que acontecia ali. Ela tinha ido viajar, tinha saído para curtir as férias, ver se Raquel voltava ao normal e, quem sabe, dar uns beijos em Arthur. Ela e Arthur, em menos de um dia, conseguiram um quase-namoro e ela achou que aquela seriam as melhores férias de uns dias que ela tiraria na vida.

Somente achou.

Mas ela não ia morrer ali. Nem Arthur.

Arthur precisava dela. Arthur precisava de ajuda. Ele estava sofrendo e tudo porque Raquel achava que a culpa da morte do irmão era dela. Isso não era verdade, mas Arthur estava sofrendo. E esse sofrimento... Era por causa de Léa. Ela não podia negar.

Não iria aceitar.

—NÃO! – Ela berrou.

E urrando de horror e dor, ela fez Raquel encará-la assustada até que, sacudindo-se freneticamente contra os nós em seus pulsos, a lençol arrebentou-se ao meio.

Raquel não reagiu, chocada demais com a rapidez dos fatos. Aproveitando-se, Léa investiu com fúria contra a garota, fazendo com que a faca voasse longe. Raquel recuperou-se e mesmo por baixo da garota, deitada sobre o chão coberto de sangue de Arthur, ela agarrou a outra garota pelo pescoço, deixando-a fraca o suficiente para girar com o corpo por cima dela.

O que Raquel não percebeu foi que Léa tinha planejado ficar por baixo. Ao receber as garras de Raquel em seu pescoço, ela só pensara em uma maneira de se livrar disso. Então deixou que a outra girasse com ela, então dobrou os joelhos, posicionou os pés na barriga da garota e chutou-a para longe, fazendo-a soltá-la.

Letíc alevantou-se rapidamente, antes que Raquel se recuperasse da pancada na parede do sótão. Procurou por uma arma que pudesse ajudá-la, já que a faca havia deslizado para debaixo do armário.

—Ali – Arthur sussurrou, fraco.

Ela queria parar e soltá-lo, ajudá-lo, mas não podia. Então olhou pra onde ele tentava apontar com o nariz.

Uma garrafa de champagne antigo. Talvez de algum réveillon... Acabou abandonada ao sótão ao invés de ser jogada fora. Léa alcançou-a e bateu com ela contra a parede, quebrando-a pela metade e fazendo com que ela criasse pontas. Queria apenas tentar ameaçar Raquel, prendê-la e soltar Arthur para que pudessem sair.

Mas quando ela se virou, Raquel vinha com tudo pra cima dela, ela apenas colocou a garrafa quebrada a frente e deixou que a garota se atirasse contra ela.

Quando Raquel sentiu seu peito sendo perfurado e, por fim, seu pulmão, ela arregalou os olhos, sentindo o sangue começar a escorrer para fora de seu corpo. O olhar perdido de Léa encontrou com o dela e as duas se encararam com medos totalmente semelhantes.

Léa largou a garrafa, andando para trás, para longe do corpo agonizante de Raquel. Acabou esbarrando em Arthur, em um momento de lucidez, soltou-o das amarras. Ele tombou ao chão, recolhendo o braço quebrado em uma posição menos dolorosa e encarou a garota, esperando pela reação dela.

Raquel subia e descia o peito, remexendo-se em uma mistura de sangue extremamente repulsiva, mas Léa continuava olhando-a sem nem ao menos piscar. Quando Raquel finalmente pareceu morrer, ela dobrou os joelhos e deixou-se cair ao lado de Arthur, caindo em prantos logo a seguir.

Ele conseguiu levá-la ao seu colo e tentou acariciá-la, mas com um braço quebrado e a mão do outro totalmente retalhada, ele apenas conseguiu sujá-la de sangue.

Pela janela, ambos com lágrimas em seus olhos e completamente arrasados, eles encararam o Sol nascer. Arthur conseguiu estancar seu próprio sangue com o lençol, amarrando em volta de onde tivera os dedos decepados. O braço que estava quebrado já estava assim há tanto tempo que quase não doía mais, então, quando ele viu que Léa adormecera em seu colo, preferiu esperar.

Ajeitou os lençóis para que pudesse levantar enquanto ela dormia, colocando-os debaixo de sua cabeça. Pegou uma das ferramentas, uma furadeira e desceu pelas escadas, não mais preocupado em fazer silêncio para não ser descoberto. Tudo havia acabado.

Acabado mal.

Mas ele havia conseguido ficar vivo com a sua garota. Não como ele imaginava, mas estavam ali.

Ele ligou e destruiu a porta, conseguindo abri-la. Ao olhar para trás, Léa vinha, acordada e avermelhada de sangue, com uma enxada na mão, assustada pelo barulho. Ele esticou o braço bom e a chamou para perto.

Ela largou a ferramenta e afundou o rosto no peito dele, choramingando. Ele a abraçou como podia.

—Acabou, meu amor – Sussurrou. – Acabou.

Com isso, os dois caminharam para fora da casa.

Capítulo Nove

Os dois caminhavam pela terra seca, sem falar uma palavra sequer. Ele tinha o braço engessado e a mão do outro estava enfaixada, os pontos cuidando dos buracos que substituíram seus dedos. Ela não se importava, mas ele estava irritado em não poder entrelaçar os dedos nos dela. Tinha que se contentar em abraçá-la sempre de muito perto, o que acabava com tropeços.

Léa ainda estava muito assustada e quase não parava de chorar quando ficava sozinha com ele. Ao público, ela parecia fria e calculista, parecia esperar quem seria a próxima a atacá-la. Ele tentava fazer um contraponto, ainda muito abalado, mas normalmente, o carinho que ambos sentiam pelo outro quebrava essas coisas.

Poucos duvidaram da história contada. Infelizmente, a polícia fora um desses poucos. Eles vinham passando por inquéritos e intermináveis depoimentos sobre aquela noite nos últimos dias, separados e juntos, para que descobrissem qualquer falha entre os dois depoimentos. Não havia, mas eles continuavam a insistir.

E ali estavam eles. Depois de muitos exames, decidiram liberar os corpos para enterro. Todas as famílias arrasadas, mas eles tinham certeza que Arthur e Léa nada tinham feito além de se defenderem. A mãe de Raquel aceitara e pedira desculpa aos dois pelo mal que a filha tinha feito.

Não havia nada que pudessem corrigir aquilo da memória deles.

Poucas emoções foram demonstradas pelos dois no enterro. Léa, em um momento, desfaleceu nos braços de Arthur e ele, enquanto ela encontrava-se desmaiada, deixou-se chorar. Mas, fora isso, os dois foram inexpressivos.

Os familiares ficaram com medo que eles estivessem ficando malucos como Raquel, um dia, estivera. Mas eles estavam apenas tentando lidar com o terror que abatera sobre eles.

Eventualmente, mais rápido que o usual, foram morar juntos. Eles não tinham o porquê esperar, visto que se conheciam desde sempre. E ninguém mais conseguia lidar com eles, a não ser eles próprios.

Depois de muito tempo fingindo que tudo estava bem, eles começaram a acreditar nas próprias mentiras. E embora ambos ainda acordassem durante a noite, os pesadelos povoando seu descansar, eles conseguiram ter um pouco de paz.

Só não havia como superar aquilo.

Não demorou muito, nasceu uma criança. Assim que eles se convenceram que tudo estava bem, lá estava a coisa pequena, dando sentido às suas vidas. Então, finalmente, eles conseguiram sentir um pouco a felicidade de volta.

Tudo era aquela criança. E assim eles viveram. E assim eles curaram suas feridas.

Anos depois, quando essa criança finalmente deixou a casa dos pais, eles eram

apenas um casal de senhores misteriosos e, as vezes, hostis.

Arthur costumava se divertir ao Halloween. Um humor sádico deixado pelo passado tenebroso dos dois. Normalmente, poucas crianças tinham coragem suficiente para pedir-lhes doce. Esses ganhavam uma porção devidamente generosa.

Seria cômodo e bem mais razoável dizer que eles viveram felizes até o fim, mas eles viveram. Eles se amaram e se ajudaram e amaram à sua menina. Mas o medo estava ali. O medo continuou ali.

O medo foi com eles até o final.

Final Alternativo

Um noite, sua filha entrou escondida na casa para fazer-lhes uma surpresa. Deveria saber que era uma má ideia, ela conhecia os próprios pais.

Foi surpreendida por um tiro. Morreu quase instantaneamente. Arthur, ao ver que matara a própria filha, matou a mulher para poupá-la da dor. E, em seguida, suicidou-se.



AUTORA

Letícia Black tem
27 anos e é natural do
Rio de Janeiro.
Estudante de psicologia
e trabalha em uma loja de

desde muito nova. Tem cerca de 70 histórias de todos os gêneros e gostos e é apaixonada por todas as suas leitoras. Seu primeiro livro foi publicado em 2012 e ela não pretende parar.

Autora orgulhosa dos livros *Deserto*, *Jogando os Dados*, *Preciosa*, *Toque de Recolher*, *Contos de Uma Fada* e *Garota de Domingo*.

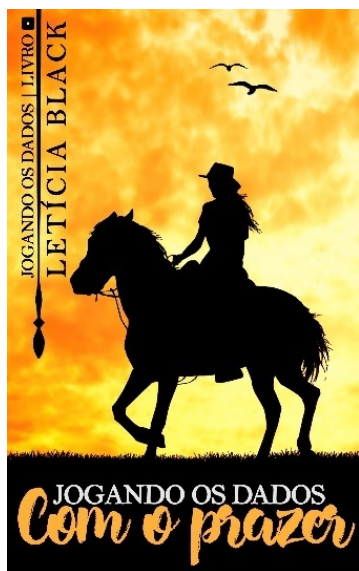
Acesse: www.leticiablack.com.br

Conheça mais sobre a autora através de suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Fanpage](#) | [Twitter](#) | [wattpad](#)

OUTROS LIVROS

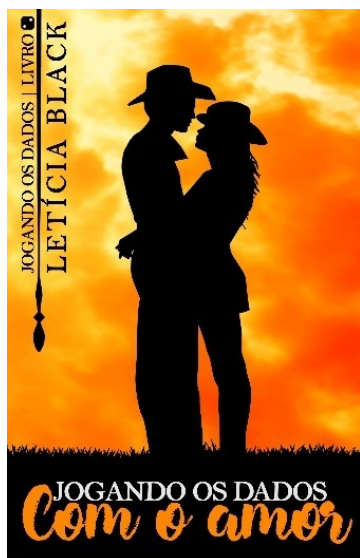
Jogando os Dados com o Prazer Jogando os Dados #1



Em algum lugar, em algum momento, um ser iluminado disse que os opostos se atraem. E não há verdade mais clara e óbvia que essa quando um cara convencido, arrogante e violento, vencedor invicto dos rachas de uma cidadezinha do interior de Goiás, cruza o caminho de uma jovem mulher justa, defensora dos indefesos e para lá de discreta. Diferenças a postos, seus mundos entram em colapso e uma aposta maluca é a única solução para colocar seus problemas a limpo, então eles resolvem deixar os dados rolares. Se ela ganhar, ele terá que aprender a se controlar e não ser um babaca o tempo todo; Se ela ganhar, ela terá que passar longos três meses de férias em sua companhia. E a única certeza do jogo é que nenhum dos dois é um bom perdedor .

[Baixe agora!](#)

Jogando os Dados com o Amor Jogando os Dados #2

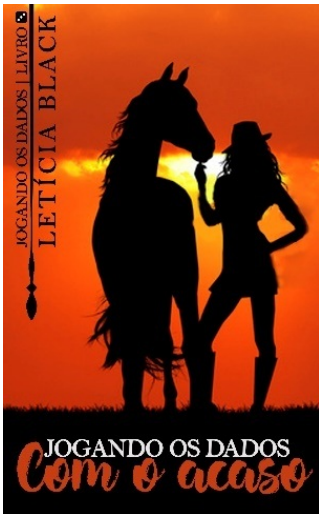


Desde que deixamos Talles e Mila, após o verão, eles trilharam um longo caminho por entre descobertas de prazer e sensações —porém, ainda tem muito pela frente para desenvolver seu frágil relacionamento criado em cima de atração sexual em um amor de companheirismo. Mila deve ceder ao seu medo de entrega e confiança, Talles deve dar o braço a torcer com seus próprios problemas de envolvimento.

Os dois extremos se chocaram, faíscas foram espalhadas por todo o campo, agora é necessário que a chama seja controlada antes que se alastre em um acidente fatal.

[Baixe agora!](#)

Jogando os Dados com o Acaso Jogando os Dados #3



Mais de dez anos se passaram desde a primeira aposta, a blusa rasgada e a Pepsi desperdiçada.

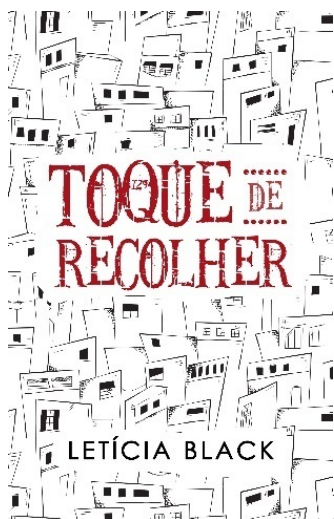
Talles e Mila agora são um casados e acabaram de receber sua terceira filha ao lar.

Ambos sucedidos profissionalmente, Mila acaba recebendo uma proposta que vai abalar as estruturas do lar que eles criaram.

Brigas, apostas, intrigas e muito sexo nos esperam na continuação de Jogando os Dados.

Em breve!

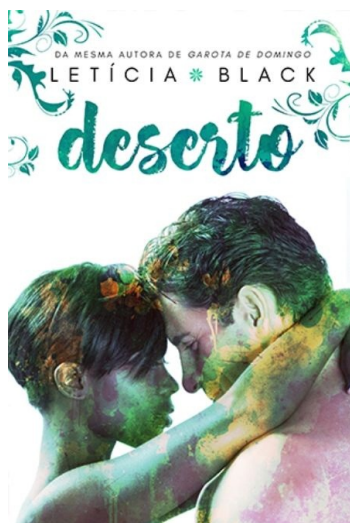
Toque de Recolher



Drica e JP são dois jovens cheios de problemas. Drica está em seu ano de vestibular, desejando passar para uma faculdade em outro estado e se livrar da favela onde cresceu, mesmo que sua mãe não a apoie. JP realizou esse sonho alguns anos antes, mas precisou voltar para casa quando não conseguiu se manter em outra cidade porque ninguém estava muito confiante em contratar um jovem negro recém formado e filho de bandido. Os dois se encontram em circunstâncias desfavoráveis, em um verão confuso, cheio de medos de um futuro incerto, pequeno demais para seus próprios sonhos, e encontram, um no outro, o apoio que precisam para passarem por essa fase sombria de suas vidas.

[Baixe agora!](#)

Deserto



O que você levaria para uma ilha deserta?

Eles levaram sua maior desavença.

Morena e Gustavo trabalham na mesma empresa de arquitetura e urbanismo. Ela é designer de interiores e ele é arquiteto. Ambos são os melhores profissionais de sua área no escritório em que trabalham e, por esse motivo, acabam pegando um ou outro projeto juntos, embora evitem porque se detestam e não conseguem se entender. Porém, quando o esforço é feito, o trabalho fica impecável.

A empresa resolveu presentear-los —e aos outros funcionários reconhecidos em premiações —com uma viagem pela costa brasileira e até o Caribe.

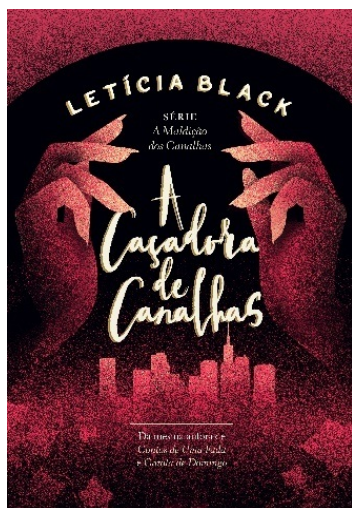
O que eles não esperavam é que, logo nos primeiros dias de viagem, em uma bebedeira, acabarem à deriva, sozinhos, em um bote salva-vidas.

E, agora, a sobrevivência dos dois depende deles encontrarem essa balança impecável também em suas vidas pessoais.

[Baixe agora!](#)

A Caçadora de Canalhas

A Maldição dos Canalhas #1



Após ser demitida de seu emprego, Tainá acaba aceitando fazer alguns favores para suas amigas em troca delas pagarem sua parte do aluguel. Descobre, então, um talento especial que logo a faz virar uma lenda urbana e a fornecer-lhe uma nova fonte de renda.

Porém, o que tinha tudo para ser um subemprego de investigadora particular, a Caçadora de Canalhas acaba se envolvendo em tramas que transcendem o valor monetário, sua índole e mexe com coisas antigas que ela preferia manter enterradas.

Embarcando em uma busca para salvar mulheres e exterminar a exportação e sequestro de jovens mulheres para a prostituição, guiada por um investidor que ela jamais viu, Tainá se põe a enfrentar os perigos da noite afim de desembaraçar uma rede de crimes contra as mulheres de sua cidade.

Em breve!